UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO – UNAERP
CURSO DE JORNALISMO

LÍVIA MARIA DE OLIVEIRA FURLAN

# MEMORIAL DO LIVRO-REPORTAGEM
# PROTESTOS NAS RUAS: O MÊS DE JUNHO DE 2013

RIBEIRÃO PRETO
DEZEMBRO/2018

LÍVIA MARIA DE OLIVEIRA FURLAN

# MEMORIAL DO LIVRO-REPORTAGEM
# PROTESTOS NAS RUAS: O MÊS DE JUNHO DE 2013

Memorial apresentado à Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP, como requisito final para obtenção do título de Jornalista.

Orientador: Prof. Me. Murilo Pinheiro.

RIBEIRÃO PRETO
DEZEMBRO/2018

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de
Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

Furlan, Lívia Maria de Oliveira, 1993 -

F985p Protestos nas ruas: o mês de junho de 2013 / Lívia Maria de Oliveira Furlan. -- Ribeirão Preto, 2018.
78 f.

Orientador: Prof. Me. Murilo Silva Pinheiro.

Monografia (graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Gestão de comunicação organizacional e eventos. Ribeirão Preto, 2018.

1. Manifestações - Ribeirão Preto. 2. Manifestações – Brasil. 3. Transporte público. I. Título.

CDD: 070

Dedico este trabalho ao meu país, na esperança de que sua história nunca seja esquecida.

# AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me guiado até este momento e permitir realizar esse sonho de ser jornalista. Também agradeço pelas intercessões de Santa Rita de Cássia.

Em segundo, agradeço à minha família: Carlos, Fátima e Mônica. Vocês me apoiaram, aguentaram os momentos de impaciência, foram e são a impulsão para eu continuar seguindo os meus sonhos e fazer algo bom para mim e para outras pessoas. Foram quatro anos de “tenho projeto da faculdade”, “vou para casa, mas vou estudar”, “sinto falta de vocês”, “mãe, me ajuda com a comida!!!”, e, em especial neste último ano, “só quero terminar meu TCC”, “ih, não vou sair porque tenho TCC” etc… Vocês aguentaram muita coisa vinda de mim, em especial a Mô que morou comigo por todo esse tempo e teve que viver esses momentos no dia a dia. Sou imensamente grata por isso, pelo apoio, pelo amor, pela união, pela família que a gente tem. Eu amo vocês!

Não posso esquecer de meus amigos de Marília: Silvia, Thaynara, Vitória, José, Luciana, José Carlos (Zé), Caio e Marcelo Sampaio. Mesmo com a distância, nossa amizade não se desfez. Isso é motivo de felicidade e ajudou muito em todo o processo da faculdade. Tenho amor e carinho por cada um de vocês. Do mesmo modo, não posso esquecer dos amigos que fiz em Ribeirão Preto: Paulo Apolinário, Líria, José Piutti, Marília, Ananda, Samantha, Maria Júlia, Rhavier, Juliana, Mariana, Gabriel Kahled, Vladimir, Mel, Manu, Giovanna Grepi, Thainan e Vitória. Cada um de vocês, em cada fase, me apoiou, ajudou, fez rir, aguentou choro, deu colo e permitiu que eu ajudasse de alguma forma. Vou levar esses momentos comigo, sempre grata por todos. Também tenho carinho e amor por cada um. É um privilégio poder dividir esses anos com todos vocês.

Aos professores Elivanete Barbi, Rafael Reis, Gil Santiago, Sandra Molina, Sérgio Lima, Fernanda Zeoti e os demais do curso de Jornalismo, agradeço pelas aulas e ensinamentos ao longo desses quatro anos. Agradeço por compartilharem experiências não só comigo, mas com todos. Em especial, agradeço o professor João Flávio de Almeida por me ouvir, aguentar os momentos de “eu não sei o que fazer”, por me incentivar no mundo acadêmico, escrever e publicar um artigo comigo, apresentar séries e autores que só me acrescentaram. E também deixo um agradecimento especial para a professora Flávia Martelli, que trouxe calma quando achei que não ia dar tempo e me ouviu, de forma atenciosa, sempre que a procurei para desabafar ou conversar. Muito obrigada!

Ao professor e meu orientador do trabalho de conclusão de curso, Murilo Pinheiro, fica o meu agradecimento por ter embarcado nesse trabalho comigo. Sempre muito paciente, me deu liberdade e me ajudou a tornar o trabalho melhor do que seria. Obrigada!
Não posso esquecer, nesse momento, de agradecer aos entrevistados. Vocês foram essenciais para que o livro fosse produzido e realizado. Obrigada por darem a

oportunidade de ouvir suas histórias e suas emoções com as manifestações de junho de 2013. Raphael Inácio, Jonas Paschoalick, Cristiano Pavini, José Vantini Júnior, Eduarda Paes, Nicole Froés, Rose Delefrate, Paulo Delefrate e Maria Delefrate. Obrigada!

Tive a felicidade de conhecer, em Ribeirão Preto, a jornalista Daniela Penha. Ela me inspirou diversas vezes com seu trabalho e foi uma ouvinte maravilhosa para os pedidos de ajuda. Muito obrigada Dani, não dá para colocar em palavras a gratidão que sinto por ter mandado mensagem para você pedindo estágio e por você ter respondido. Graças a isso tive uma orientação extra nesse trabalho final do curso e fui privilegiada por ter sido você a orientadora. Obrigada por toda a ajuda, conselhos e pela amizade!

Meu agradecimento especial vai para Luciano Filho. Obrigada por estar ao meu lado em dias que eu não achava que seria capaz de vencer as dificuldades. Obrigada por ser um namorado que enfrenta comigo os desafios, que me dá a mão e fala “vamo, você consegue”. Obrigada por me apoiar, por viver esse último ano de faculdade junto. Obrigada por todas as vezes que me abraçou, ajudou, viu chorar, fez sorrir. Obrigada pelos carinhos, pelas brincadeiras, por me fazer parar quando estava prestes a perder a cabeça por conta dos projetos do curso. Obrigada por todos os dias. É uma honra viver eles com você. Eu te amo!

Um agradecimento final a todos os funcionários da faculdade, em especial à Ana e a Dani, secretárias do curso, e aos colegas de turma. Espero que a gente possa exercer nossa profissão com orgulho e dignidade! Boa sorte a todos nós.

# RESUMO

O mês de junho de 2013 foi o marco zero para as manifestações contra a corrupção no Brasil, mas o que motivou a população a ir para as ruas foi o aumento do valor da passagem de transporte urbano em várias cidades brasileiras. Em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, os protestos também aconteceram focando, principalmente, a corrupção por parte dos políticos. Esta pesquisa buscou reunir em um livro todos esses acontecimentos que estão diluídos em várias reportagens realizadas na época. A obra é composta por histórias e relatos dos organizadores dos protestos, manifestantes e de jornalistas que fizeram parte das manifestações de junho de 2013. O trabalho contribuiu para o estudo histórico dos acontecimentos daquele ano, no sentido de compreender e repercutir um momento importante de mobilização social. A metodologia utilizada foi a de levantamento bibliográfico, revisão bibliográfica e estudo de caso, com o objetivo de teorizar o livro-reportagem e também abarcar o tema da pesquisa.

**Palavras-chave:** Manifestações; Ribeirão Preto; Transporte público; Imprensa

# ABSTRACT

The month of June of 2013 was the ground zero for demonstrations against corruption in Brazil, but the first reason was the increase of the urban transportation ticket value in several Brazilian cities. In Ribeirão Preto, inland of state São Paulo, protests also occurred focusing on political corruption. The research aims the production of a book report, media product of the journalism, these internal political developments are distributed in reports made at the time. The book tells stories and reports of protest organizers, protesters and journalists covering the protest. Its contribution for the historical study of those events internal political developments of the year. This research contributed to the historical study of the events of that year, in order to understand and reflect an important moment of social mobilization. The methodology used was the bibliographical survey, bibliographical review and case study, with the purpose of theorizing the book report and also the research theme.



**Keywords:** Protest; Ribeirão Preto; Public transport; Press

# SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO** ..... 10
**CAPÍTULO I - CONCEITO DE LIVRO-REPORTAGEM** ..... 13
1.1 LIVRO-REPORTAGEM E O JORNALISMO LITERÁRIO ..... 15
**CAPÍTULO II - PROTESTOS NA RUA** ..... 17
**CAPÍTULO III - RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO** ..... 19
3.1 TEMA E PESQUISA ..... 19
3.2 ENTREVISTAS ..... 20
3.3 PRODUÇÃO DO LIVRO ..... 21
**CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 23
**REFERÊNCIAS** ..... 25
**APÊNDICES** ..... 26

# INTRODUÇÃO

Em junho de 2013, uma movimentação começou a acontecer nas cidades brasileiras. No dia 6, estudantes se reuniram na Avenida Paulista, em São Paulo capital, para realizar um protesto contra o aumento de 20 centavos na tarifa de transporte urbano. Porém, o movimento não ficou somente na capital paulista, muito menos se manteve a razão pelos protestos. “[...] ninguém poderia imaginar que aquele seria o marco zero da maior sequência de protestos no país desde o Fora Collor” (GRIPP, 2013, p. 1).

Em Ribeirão Preto/SP, o movimento também se fez presente. Segundo reportagens publicadas no portal G1 e na Folha de S.Paulo, no dia 20 de junho de 2013, cerca de 25 mil pessoas foram às ruas com os mesmos objetivos daqueles que estavam se manifestando nas capitais. O pedido de melhorias dos serviços públicos e o fim da corrupção eram as principais reivindicações dos ribeirão-pretanos que se mobilizaram naquele dia.

No fim do protesto, o empresário Alexsandro Ishisato de Azevedo atropelou um grupo de manifestantes, matando o estudante Marcos Delefrate, a primeira morte na onda de protestos de 2013. Além desse episódio, casos de violência contra a imprensa também aconteceram.

No presente trabalho, a pesquisa buscou reunir em um livro todos esses acontecimentos que estão diluídos em várias reportagens realizadas na época. É composto por histórias e relatos dos organizadores dos protestos, manifestantes e de jornalistas que fizeram parte das mobilizações de junho de 2013.

Os questionamentos que embasaram a pesquisa são relacionados à forma como as manifestações aconteceram e o papel da imprensa na cobertura dos protestos, tendo Ribeirão Preto como recorte da pesquisa. Além disso, também objetivou esclarecer as circunstâncias dos episódios de violência ocorridos nas manifestações na cidade: a morte do estudante Marcos Delefrate e depoimento de jornalista sobre a violência contra profissionais de imprensa.

Tais questionamentos que cercaram o trabalho objetivaram gerar um produto midiático de livro-reportagem que reuniu informações sobre a cobertura jornalística nas manifestações de junho de 2013 em Ribeirão Preto. Além disso, buscou conhecer a narrativa do livro-reportagem, contextualizando as manifestações no

Brasil, as ocorridas na cidade do interior paulista, e levantar as histórias que aconteceram nas manifestações com relação à população e aos jornalistas.

Devido à visibilidade dos fatos ocorridos na história brasileira, em junho de 2013, o trabalho tem importância, pois contribui para estudo histórico dos acontecimentos, além de ter ajudado a compreender e a repercutir um momento importante de mobilização social.

As manifestações de junho são consideradas maiores do que o movimento de 1992, por isso, é importante estudar ou conhecer a movimentação ocorrida em junho de 2013. No caso de Ribeirão Preto, por ter sido a primeira manifestação com vítima fatal, é importante analisar a cobertura durante e depois de tais manifestações.

Além da observação dos fatos, a pesquisa foi dividida em duas etapas. Na primeira, foi feito levantamento bibliográfico para teorizar o produto midiático livro-reportagem e para trazer o tema da pesquisa: as manifestações de junho de 2013 em Ribeirão Preto. Levantamento bibliográfico é um “conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse” (DUARTE; BARROS, 2009, p.54).

Para contextualizar livro-reportagem foram utilizadas publicações que explicam o produto midiático e artigos úteis para a pesquisa. Já para as manifestações, foram utilizadas bibliografias especializadas e portais para seleção de fontes de documentos sobre o assunto.

No processo, revisão bibliográfica também fez parte, tal qual a entrevista em profundidade, “técnica clássica de obtenção de informações nas ciências sociais, com larga adoção em áreas como sociologia, comunicação, antropologia, administração, educação e psicologia” (DUARTE; BARROS, 2009, p. 62).

Outra metodologia empregada neste trabalho de pesquisa foi o estudo de caso, visto que é “a estratégia preferida quando é preciso responder a questões do tipo ‘como’ e ‘por que’ [...] e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (DUARTE; BARROS, 2009, p. 216). Mesmo tendo ocorrido em junho de 2013, as manifestações são contemporâneas devido ao período atual da história ocidental.

Produto que ganhou força após o fim da Segunda Guerra Mundial, o livro-reportagem é um produto midiático que une jornalismo e literatura, inspiração vinda das reportagens europeias e norte-americanas. Segundo Belo (2006, p. 41), “é o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e

contextualizada sobre um assunto”. Por esse motivo, a pesquisa será melhor desenvolvida ao utilizar tal produto.

Além da introdução e de referências bibliográficas, o trabalho foi desenvolvido em capítulos conceituando livro-reportagem; contextualizando as manifestações no Brasil e em Ribeirão Preto; as histórias das manifestações e a morte do estudante Marcos Delefrate; e, ao final, um relatório do Trabalho de Conclusão de Curso junto com as considerações finais.

As manifestações de junho de 2013 foram um fenômeno histórico brasileiro. A cobertura da mídia com relação aos acontecimentos também teve suas particularidades. Com relação a Ribeirão Preto, primeira cidade com vítima fatal decorrente dos protestos, foi necessária uma cobertura mais intensa.

## CAPÍTULO I - CONCEITO DE LIVRO-REPORTAGEM

Desde o nascimento, o jornalismo tem por função levar informação e conhecimento às pessoas dos mais diferentes nichos sociais. Nas civilizações antigas, era usado, não da forma como conhecemos hoje, mas através de atas, para mostrar as conquistas do Império da região. Conforme os anos se passaram, seus horizontes foram ampliados, chegando às questões de cunho social, político, econômico, ambiental e outros temas considerados relevantes para o conhecimento da população.

Do mesmo modo, assim como os horizontes e temas foram aumentando, as formas de exercer o jornalismo também sofreram alterações no sentido de como contar tais acontecimentos: escrita, ondas sonoras, ondas televisas...

Na esfera da escrita, o uso da reportagem é o mais comum. Seja em jornais, revistas ou on-line, a reportagem traz informação do dia a dia de forma concisa e rápida. Segundo Edvaldo Pereira Lima, em seu livro *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*:

> A reportagem, como gênero, pressupõe o exame do estilo com que o jornalista articula sua mensagem. Significa também um certo grau de extensão e/ou aprofundamento do relato, quando comparado à notícia, e ganha a classificação de grande-reportagem quando o aprofundamento é extensivo e intensivo, na busca do entendimento mais amplo possível da questão em exame. (LIMA, 2009, p.24)

Elaboradas em número maior de páginas e com mais recursos, as grandes reportagens exigem dedicação e tempo do jornalista, podendo levar meses para serem produzidas. E, muitas vezes, essas páginas e esse tempo não são suficientes. O profissional se envolve com a história a ser contada e deseja ampliar a informação a ser divulgada. E aí surge o livro-reportagem.

> É na expectativa de encontrar a explicação que o jornal não deu ou de ser informado das ações de bastidores, subjacentes à ocorrência relatada na revista, que o leitor pode motivar-se a um aprofundamento na grande-reportagem que o livro propõe. (LIMA, 2009, p. 39)

Sem uma data específica para seu nascimento, o livro-reportagem começa a vir ao mundo na Europa do século XIX.

> O livro-reportagem não tem, a rigor, uma data de nascimento. [...] Mesmo assim é possível estabelecer um ponto de partida aproximado: a reportagem em livro começou a ganhar força como um subgênero da literatura na Europa do século XIX. (BELO, 2006, p. 19).

Com aspecto crítico, o jornalismo adotado no continente europeu vai além das técnicas tradicionais empregadas no jornalismo americano, como, por exemplo, o uso do *lead* (onde os fatos da reportagem ficam resumidos no primeiro parágrafo do texto) e da pirâmide invertida (enumeração dos fatos em ordem decrescente de acordo com sua importância).

No jornalismo europeu são usados textos longos, formais e que fazem análise do que está sendo informado. “Ao tratar assuntos considerados importantes com solenidade e, muitas vezes, espírito crítico, a mídia europeia deu um passo largo para a criação de um mercado produtor e consumidor de livros [...]” (BELO, 2006, p. 21). Vale ressaltar que o livro-reportagem está ligado diretamente ao viés literário do jornalismo, que será tratado adiante.

No Brasil, a reportagem considerada pioneira no gênero veio, aos poucos, nos relatos de Euclides da Cunha para o jornal *O Estado de S.Paulo*, sobre a Guerra de Canudos, em 1897.

Porém, o livro-reportagem inicia, de forma tímida, com a criação da revista *O Cruzeiro*, em 1928. Na década de 1960, com a revista *Realidade*, chega à fase da reportagem em conto, “reunindo ao mesmo tempo leveza e profundidade no tratamento do assunto” (BELO, 2006, p. 29).

As duas revistas foram de extrema importância para a cultura brasileira da reportagem em livro, contribuindo para as características e a forma como o jornalismo literário ganhou espaço nos impressos brasileiros.

> De Euclides [...] até hoje, a interação entre literatura e jornalismo sempre foi grande no Brasil. As condições para o nascimento dos dois gêneros ocorreram de forma simultânea. [...] A literatura, primeiro, abrigou-se nas páginas dos jornais, com a publicação de folhetins. [...] Eram impressos de ideias e, como tais, abrigavam textos literários – de boa qualidade ou não – com relativa naturalidade. [...] Só mais de um século depois o jornalismo começou a ocupar-se de fato com a exatidão do que publicava. (BELO, 2006, p. 31).

O que move a produção do livro-reportagem é o aprofundamento dos fatos tratados, assim como nas personagens e nas situações trazidas pelo mesmo. “Por não ser tão imediatista quanto à cobertura midiática, o livro-reportagem normalmente

abre espaço para abordagens diferentes, originais, criativas, menos urgentes e mais aprofundadas.” (BELO, 2006, p. 42).

E, para Lima (2009, p. 46), o gênero ainda “prolonga ainda mais o ciclo de existência dos acontecimentos, ao partir de temas conhecidos pelo público, muitas vezes veiculados, inicialmente, pela imprensa cotidiana.”.

Também há o tratamento dos fatos de forma humanizada, com estilo próprio e voz autoral, características essas trazidas do jornalismo literário, que será abordado adiante.

De forma direta, segundo Eduardo Belo (2006, p. 41), o livro-reportagem

> É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. (BELO, 2006, p.41)

## 1.1 Livro-reportagem e o jornalismo literário

Ao ser associado à literatura, algumas pessoas podem pensar que o jornalismo literário faz uso da ficção e que seu texto traz não retrata o que realmente acontece. Porém, esse gênero é totalmente contrário a tal pensamento. “O jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disso.” (LIMA, 2009, p. 389).

Segundo o jornalista Felipe Pena, o jornalismo literário tem por características: potencializar os recursos do jornalismo; ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos; proporcionar visões amplas da realidade; exercer plenamente a cidadania; romper as correntes burocráticas do *lead*; evitar os definidores primários; garantir durabilidade e profundidade aos relatos; e utilizar recursos da narrativa literária.

O livro-reportagem se conecta ao jornalismo literário no momento em que aprofunda a reportagem. Esse aprofundamento, segundo LIMA (2009, p. 26),

> pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2009, p. 26).

Ainda segundo LIMA, o jornalismo literário importou técnicas de narrativa da literatura de ficção para retratar a realidade, fazendo as devidas adaptações. Outra característica desse gênero jornalístico é a humanização da história retratada que acaba influenciando a narrativa no sentido de tratar o tema e as pessoas envolvidas na história de forma natural e realista.

> A humanização é outra marca distinta do jornalismo literário que cai bem com o livro-reportagem. Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. (LIMA, 2009, p. 359).

Dessa forma, jornalismo literário e livro-reportagem estão conectados ao retratar a história a ser contada. Desempenhando melhor a função de contar uma história. E para contar uma história, não se pode utilizar, em cem por cento do trabalho, linguagens e técnicas do meio acadêmico.

Lima (2009, p. 392) então conclui: “Uma narrativa de jornalismo literário não é uma tese científica. O autor não é obrigado a encontrar hipóteses rígidas, nem comprovar nada, a partir de uma tese prioritariamente esboçada. Sua missão é narrar.”.

Visto os conceitos apresentados, o presente livro-reportagem tratará das manifestações de junho de 2013 em Ribeirão Preto, ciente que a intenção não é comprovar nenhuma hipótese, mas apresentar os fatos e narrar histórias daquela época, como, por exemplo, a primeira morte ocorrida na onda de protestos.

Tendo início na capital paulista, as manifestações começaram por conta do aumento do preço da passagem de ônibus. Importante manifestação de insatisfação da população brasileira com as condições dos serviços públicos, os protestos de 2013 levaram mais de 20 mil pessoas às ruas.

Porém, ao ganhar apoio da população e se espalhar pelo país, as reivindicações passaram a ser das mais diversas, desde serviços públicos municipais até federais. Do mesmo modo, muitas das pessoas presentes tinham reivindicações diferentes.

# CAPÍTULO II – PROTESTOS NA RUA

O tema a ser tratado na presente pesquisa são os protestos de junho de 2013, marco zero para a onda de manifestações daquele ano e do ano seguinte. A pauta inicial levantada pelo Movimento Passe Livre (MPL) de São Paulo era o aumento da passagem do transporte urbano em R$ 0,20.

Em São Paulo, capital, o novo valor da tarifa entrou em vigor no dia 2 de junho. Já como resposta, as primeiras manifestações aconteceram no dia seguinte. Porém, as manifestações começam a ganhar destaque nos noticiários quando, no dia 6 de junho de 2013, a ocupação da Avenida Paulista, em São Paulo, gera confrontos entre Polícia Militar e manifestantes.

> O tumulto na Avenida Paulista começou quando manifestantes caminhavam no sentido Paraíso. O grupo, que já tinha entrado em confronto com a Polícia Militar no Centro, foi novamente abordado por cerca de 30 a 40 policiais militares que seguiam a passeata de longe, atirando bombas de gás lacrimogêneo. (MORENO, 2013, p. 1).

Apesar de organizador dos protestos, o MPL alegou que não era responsável pelos atos de vandalismo. As jornadas de junho geraram o movimento “Vem Pra Rua”, convocado por meio de redes sociais.

Conforme foram ocorrendo as manifestações, o número de participantes que aderiram ao movimento foi crescendo. Na última, antes de uma reviravolta, cinco mil pessoas participaram, pedindo a diminuição do preço da passagem de transporte público.

No quarto protesto, no dia 13 de junho, houve novo confronto entre manifestantes e policiais. Porém, até os profissionais de imprensa foram atingidos durante os conflitos, gerando reviravolta na forma como as manifestações vinham sendo tratadas.

> A polícia avançou com balas de borracha e gás lacrimogêneo sobre os manifestantes, que revidaram jogando pedras e garrafas em direção aos PMs. O jornal 'Folha de S.Paulo' diz que teve sete repórteres atingidos no protesto, entre eles Giuliana Vallone e Fábio Braga, que levaram tiros de bala de borracha no rosto. Um cinegrafista foi atingido com spray de pimenta no rosto por um policial. (G1 SÃO PAULO, 2013, p. 1).

Além da Folha de S.Paulo, o jornal O Estado de S. Paulo também teve relatos de seus profissionais sobre tal repressão por parte de policiais.

> Repórteres do Estadão afirmaram também ter sido vítimas de agressões da Rota. De acordo com a reportagem do jornal, um carro da corporação se aproximou deles e disparou bombas de gás lacrimogêneo tentando acertá-los. Eles afirmaram que neste momento não havia concentração de manifestantes quando foram atingidos. (UOL, 2013, p. 1).

A partir desses acontecimentos, foi como se a imprensa se voltasse para o lado dos manifestantes, criticando as formas de repressão por parte dos policiais.

Os protestos continuaram a aumentar de tamanho, chegando a cidades do interior e movimentando o país inteiro. Mesmo após a redução das tarifas, novas pautas foram sendo trazidas pela população. O slogan “não é só pelos vinte centavos” toma conta das ruas quando a corrupção passa a ser contestada, junto com melhorias na educação, saúde e segurança.

No dia 20 de junho de 2013, o maior dos protestos acontece. Mais de 1,25 milhão de pessoas tomam as ruas do país. Mais de cem cidades brasileiras participam da movimentação. A cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo, fez parte desse número. Ocorrendo de forma pacífica, já em seus momentos finais, a manifestação na cidade ficou marcada com o atropelamento de 12 pessoas e a morte de um estudante.

Marcos Delefrate participava, junto com seus amigos e mais 25 mil pessoas, do protesto que saiu da esplanada do Theatro Pedro II e seguiu em direção à zona sul. Chegando a avenida 9 de julho, o grupo se dividiu. Parte foi em direção à Câmara dos Vereadores da cidade e parte para a avenida João Fiúsa.

O grupo da Avenida João Fiúsa foi surpreendido quando o empresário Alexsandro Ishisato de Azevedo desobedeceu à orientação do supermercado onde estava e saiu em direção à manifestação com seu carro. Apesar de conversas, o empresário avançou contra os manifestantes, atropelando os participantes.

# CAPÍTULO III - RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO

## 3.1 - TEMA E PESQUISA

A produção do produto midiático para este trabalho de conclusão de curso iniciou há um ano, no segundo semestre de 2017, nas aulas de Pesquisa em Comunicação, ministradas pelo professor Sérgio de Lima Grande. Em um primeiro momento, quis trabalhar o tema “Violência contra os jornalistas na América Latina”, inspirada pelos boletins informativos do Knight Center for Journalism in the Americas. Porém, por orientação do professor, afunilei o tema para as manifestações de junho de 2013 em Ribeirão Preto.

A partir disso, comecei a pesquisar sobre o tema, buscando sites e páginas da web que poderiam ser úteis. Lembro de não ficar tão feliz ao precisar mudar o tema, ainda que não tenha sido uma mudança tão radical. Mas enquanto fazia o projeto, comecei a sentir afeição pela nova área de trabalho.

Em 2018, ao voltar das férias, o medo de não dar conta de terminar os projetos da faculdade, incluindo o trabalho de conclusão de curso, começou a fazer parte da rotina. Nessas horas, amigos foram essenciais para manter a calma junto comigo. Também havia a expectativa para a escolha do orientador, sanada durante o semestre.

Continuando o trabalho de pesquisa, consegui de forma rápida os acervos de dois veículos de comunicação da cidade. Em compensação, tive dificuldade com outros dois com os quais tentei contato. Porém, o que obtive foi o suficiente para ajudar a escrever o capítulo sobre Ribeirão Preto.

Ainda durante a pesquisa de informações sobre as manifestações de junho de 2013, vi matérias que resumiam aquele período e documentários que mostram desde o início das manifestações até o final, a partir da visão dos manifestantes. Esses documentários ajudaram a refletir sobre a forma como a mídia influencia na opinião da população e me lembraram o que eu pensava na época dos protestos.

Em 2013, estive na manifestação do dia 20 de junho na minha cidade, Marília. Fiz parte dos mais de um milhão de pessoas que foram às ruas. Um pouco por curiosidade, um pouco por querer fazer parte daquele movimento. Fui voz daqueles que queriam melhorar sua cidade, não necessariamente o transporte.

## 3.2 - ENTREVISTAS

Terminada, de certa forma, a parte de pesquisa, busquei fontes para entrevistas. Para conversar com jornalistas, consultei colegas de sala que trabalham nos veículos de comunicação da cidade e entrevistei a primeira pessoa que indicaram. Através de contato por rede social, o jornalista José Vantini Júnior aceitou ser meu entrevistado e contar histórias vividas durante o período das manifestações. Fui recebida em sua casa e foi uma experiência boa, mas um pouco aterrorizante por estar entrevistando alguém que já exerce a profissão que busco exercer. Muito atencioso, a entrevista correu bem e fiquei feliz com esse primeiro resultado.

Durante a 18ª Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto, conversei com a jornalista Daniela Penha, que indicou seu marido, o jornalista Cristiano Pavini, como fonte, visto que ele foi uma das pessoas que filmou o atropelamento de Marcos Delefrate. O casal foi extremamente amigo e de grande ajuda. Graças à eles, consegui entrevistar dois participantes dos movimentos organizadores (o que ainda não tinha conseguido) e a família de Delefrate.

Cristiano também concedeu entrevista em sua casa. Mais uma vez, tive receio de fazer algo extraordinariamente errado, visto que estava entrevistando outro colega de profissão. Nesse caso, um fator extra para a situação: o contato que tinha com Daniela antes do processo de entrevistas. Por uma hora e meia, mais ou menos, conversamos, entrevistei Cristiano e recebi conselhos para o caminho a percorrer. Saí de lá emocionada e feliz.

Segui a orientação de Cristiano e fui pesquisar o processo do atropelamento que envolveu Marcos Delefrate, Nicole Froés e outras pessoas. No Fórum, fui muito bem atendida pelas pessoas, que ajudaram, inclusive, a ler o processo de sete pastas. Não li detalhadamente todas as pastas, a não ser a primeira, na qual obtive mais detalhes que utilizei no livro.

Durante o mês de julho, período de férias, aproveitei para adiantar o que podia do trabalho de conclusão. Separei informações dos acervos, marquei entrevistas e continuei a buscar matérias que poderiam ajudar a escrever o livro.

Em agosto, entrevistei Raphael Inácio, um dos participantes dos movimentos organizadores das manifestações em Ribeirão Preto. Raphael foi muito solícito em tirar minhas dúvidas quanto à como denominá-lo no trabalho e respondeu todas as

minhas perguntas da entrevista e outras que tive mais para frente durante o desenvolvimento do livro. Além dele, entrevistei Jonas Paschoalick, também participante dos movimentos organizadores. Igualmente muito receptivo, concedeu entrevista em sua casa e conversou abertamente comigo, dividindo, inclusive, sua experiência com sua tese de mestrado.

Por indicação, conversei com Eduarda Paes, formada em Pedagogia. O diálogo se deu em frente à esplanada do Theatro Pedro II, local de início das manifestações. Ali ela pôde relembrar e contar sobre como foi participar do protesto. Outra manifestante que entrevistei, Nicole Fróes, conversou comigo no intervalo da aula de pós-graduação em História. Não foi tão fácil encontra-la. Primeiro entrei em contato com sua mãe via Facebook. Como não obtive sucesso, procurei por parentes na mesma rede social. Encontrei uma tia que, após conversar com Nicole, passou o Whatsapp dela. Expliquei meu trabalho e consegui a entrevista.

Não posso negar que entrevistar a família de Marcos Delefrate foi a parte mais difícil dessa fase do trabalho. Consegui o contato deles em julho e só tomei coragem para marcar a entrevista em agosto. Por já ter vivido situação semelhante em minha família, sei o quanto é complicado tocar no assunto da morte de um filho. Dona Rose me atendeu ao telefone de forma um pouco desconfiada, mesmo assim marcou a entrevista na semana seguinte à ligação.

No dia combinado, fui até a casa da família, onde fui recebida por dona Rose e, para minha surpresa, senhor Paulo e dona Maria Delefrate, pai e avó de Marcos. De início, expliquei o que era o trabalho. Depois veio a parte da entrevista. No momento mais difícil de segurar a emoção, fui perguntada sobre o que senti ao saber a história de Marcos. Respondi que era algo bem triste, ainda mais ao considerar que ele tinha minha idade.

## 3.3 - PRODUÇÃO DO LIVRO

Finalizadas as entrevistas, dei início à produção do livro reportagem. Ao longo do caminho, fui mudando os capítulos e as formas de escrita. Conversas com o professor Murilo e meu namorado trouxeram reflexões sobre qual seria a melhor forma de distribuir as informações que havia obtido.

O processo de trabalho foi muito prazeroso por mostrar um caminho possível de seguir, que é o Jornalismo Literário. Além disso, sinto que o trabalho está realizado por ter conseguido aplicar nessa etapa, conhecimentos que obtive ao longo do curso. De forma geral, foi uma fase de aprendizado da profissão, de um único assunto tão importante para o país, de lidar com pessoas e aprendizado de mim mesma.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o objetivo central deste trabalho era a realização de um produto midiático, um livro-reportagem, que reunisse informações sobre as manifestações de junho de 2013 no Brasil, conclui-se que a meta foi atingida com êxito e conseguiu condensar em uma mesma obra, em ordem cronológica, os acontecimentos relacionados às mobilizações daquele mês e ano. Ao longo do trabalho, alguns questionamentos e reflexões foram importantes para o amadurecimento da produção do livro e, assim, resultando em um produto final que tivesse características próprias, diferindo do estilo dos modelos até então apresentados a este tipo de obra.

Foi possível cumprir os demais objetivos propostos, de conhecer a narrativa do livro-reportagem; contextualizar as manifestações de junho de 2013 no Brasil e na região de Ribeirão Preto; conhecer a cobertura dos protestos daquele ano na região; conhecer histórias de pessoas que participaram da movimentação; e fazer reflexão do período retratado.

A partir de todo o levantamento bibliográfico e também da pesquisa de campo, com a realização de entrevistas em profundidade com pessoas e profissionais, e aqui entende-se também jornalistas, conclui-se que o período das manifestações de junho de 2013 tem valor histórico e social para o Brasil, visto sua importância para o exercício da democracia, no qual parte da população pôde ir às ruas reclamar sua insatisfação com os serviços públicos.

Também foi possível constatar que os protestos não estão tão vivos na memória das pessoas, assim como os motivos que levaram ao episódio não estão mais tão claros como antes. Muitos manifestantes queriam participar de um momento histórico ou movidos por um sentimento de patriotismo ou, até mesmo, apenas para estarem ali presentes.

O trabalho entende que o número de pautas trazidas pelos participantes das manifestações de junho de 2013 foi um dos fatores para que o movimento perdesse a intensidade, conforme os protestos se prolongavam. Do mesmo modo, percebe-se que as manifestações ocorreram não somente nas ruas, mas também nas redes sociais, plataformas com grande papel na divulgação dos protestos.

A mídia alternativa teve crescimento significativo naquele momento das manifestações, fazendo com que a mídia tradicional começasse a ser tratada com

desconfiança. O uso das redes sociais foi, e é, essencial para disseminação de ideias, ainda que as mesmas tenham ganhado parte do espaço das mídias tradicionais, e com o estudo foi possível mostrar esse aspecto.

Além disso, a pesquisa constata a existência de interesse por parte da população em questões públicas e políticas, além de revelar a força de uma parcela da população em lutar por um país mais igualitário. Conclui-se, então, que com a composição deste livro-reportagem e de todo o material de resgate de informações, tanto em reportagens da época como também por meio de depoimentos de quem participou efetivamente das manifestações, ele possa ser um documento de pesquisa futura e colaborar para análise de movimento social. Pretende-se também, com a obra, contribuir para o resgate social do país e também local, de Ribeirão Preto, e, desta forma, colaborar para que a memória das manifestações de 2013 não se perca.

# REFERÊNCIAS


- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

- G1 RIBEIRÃO E FRANCA. **Um morre e 12 ficam feridos durante protesto em Ribeirão Preto; veja vídeo**. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2013/06/um-morre-e-12-ficam-feridos-durante-protesto-em-ribeirao-veja-video.html>. Acesso em: 29 mar. 2018.

- G1 SÃO PAULO. **4º protesto contra tarifa em SP tem novo confronto e mais de 200 detidos.** Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/4-protesto-contra-tarifa-em-sp-tem-novo-confronto-e-mais-de-150-detidos.html>. Acesso em: 27 ago. 2018.

- GRIPP, Alan. **Não era pelos 20 centavos**. 2013. Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/145340-nao-era-pelos-20-centavos.shtml>. Acesso em: 13 jun. 2018.

- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.

- MORENO, Ana Carolina. **Manifestantes depredam estação de Metrô, banca e shopping na Paulista.** 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/manifestantes-depredam-estacao-de-metro-banca-e-shopping-na-paulista.html>. Acesso em: 27 ago. 2018.

- PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

- SANTOS, D.; FILHO, V.B. **Manifestações levam 25 mil às ruas em Ribeirão Preto (SP)**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2013/06/1298406-manifestacoes-levam-25-mil-as-ruas-em-ribeirao-preto-sp.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2018.

- UOL. **Repórter da TV Folha é atingida no olho por bala de borracha durante protesto em SP.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/13/reporter-da-tv-folha-e-atingida-no-olho-por-bala-de-borracha-durante-protesto-em-sp.htm>. Acesso em: 27 ago. 2018.

# APÊNDICES

## Decupagem entrevistas

**Dia 10 de julho de 2018 - José Vantini Jr. - Na época, jornalista da EPTV.**

**1’25’’ - Como que foi a sua experiência nas manifestações de junho de 2013?**

1’29’’ - Olha, foi um momento, o Brasil passava por um momento muito conturbado né, e, é, na verdade, o repórter, ele é visto como mocinho/bandido, ele não é nem uma coisa nem outra, então, é, cê é criticado pela direita, criticado pela esquerda, e naquele momento, qualquer coisa, qualquer cobertura que a gente ia fazer nas manifestações principalmente, sempre gerava algum desconforto né. E aí eu me lembro que um dia eu fui entrar ao vivo, aliás, eu tinha entrado ao vivo, no Bom Dia São Paulo, com o Rodrigo Bocardi, pra falar do caso menino Joaquim né. Acho que foi isso. E aí a gente ia entrar então, quando você vai fazer um link, você vai fazer pro Bom Dia São Paulo, você vai pro Bom Dia Cidade logo depois, que é o regional né. Nesse intervalo, passou um cara de carro, ele parou o carro desceu lá, falou assim: “eu vou pôr fogo no caminhão de vocês”, o caminhão do link, caminhão que gera o sinal, “vou pôr fogo, vou pôr fogo aí, vou voltar com álcool, vou pôr fogo”. E eu já tava por aqui também e comecei a discutir com ele né, comecei a, enfim, bater boca com ele, aí ele montou no carro e foi embora, eu bati foto da chapa dele, porque, e avisei a redação, avisei meu chefe, chefia. Falei ó aconteceu isso, assim, assim, assim. Ele falou desmonta tudo e vem embora agora, então aí o cara do link desmontou, porque é uma equipe né: vai você, o cinegrafista e o link são duas pessoas também né, são dois responsáveis pelo ao vivo, são os técnicos, a parte técnica. E fui embora, desmontei tudo e fui embora. Esse foi o caso mais grave mas em qualquer manifestação, é, ou em qualquer outra reportagem você sempre era. Uma vez, por exemplo, fui fazer lá no Morro do São Bento, a Virada Cultural. Raimundos tal, entrevistei eles, aí eu saí lá durante o show, fui entrevistar uma menina, ela falou: com a Globo eu não falo, cês tão num sei o que, começou a gritar, eu virei as costas, fui embora, nem escutei muito, porque... né mas assim. Tem isso também, o veículo que você trabalha. Você leva pecha da Globo né, lado bom, lado ruim, não to discutindo aqui nem vou entrar em detalhes do que pode ser a Globo, não pode ser a Globo. Mas ali a pessoa descarrega tudo né, ela te vê, ela não quer saber se você é palmeirense, corintiano, se é petista ou do PSDB, enfim, mesmo porque pra mim repórter não tem que ter partido, to dando um exemplo, nunca tive partido, sou apartidário e vou continuar, morrer assim, se Deus quiser, acho que isso também, todo jornalista deveria ser. Isso é uma questão minha, não é uma crítica a quem é ou quem não é, mas a pessoa que é partidária, que ama o PT, que o PMDB, vai ser assessor de imprensa de um deputado, sabe, não vai fazer jornalismo, ele tem que ser imparcial, é complicado isso. Mas essas pessoas não queriam saber de nada. Uma vez também em frente ao Pedro 2º, fui fazer uma reportagem de não sei o que, chegou um cara e começou me ofender, falou “num sei o que você não mostra, a Globo não mostra”, aí eu falei justamente isso pra ele, “meu amigo, difícil você encontrar uma pessoa mais apartidária do que eu” e virei as costas e fui embora também e ele discutindo, ele... Então é, eu acho que o Brasil precisa amadurecer ainda essa relação da imprensa com a população, a gente não tem isso, a gente não sei, é, no Brasil tudo é a culpa do Mc Donald’s, da Coca-Cola e da

Globo, né, é a culpa é de vocês. Eu acho que tem também, né, enfim, nenhuma empresa é santa, nem, sei lá, mas assim é, eu nunca entendi muito isso né, as pessoas, e outra, elas ofenderem você, sem te conhecer, sem saber o que você pensa, o trabalho que cê já fez, eles carregam toda aquela visão, aquela revolta ou aquela, enfim, a ideologia que ele não gosta e aí cê acaba pagando pato de tudo isso, porque você é a cara da emissora né, cê tá ali, quer queira quer não você tá representando toda aquela história, tá representando o Chico Pinheiro lá em São Paulo, tá representando, enfim, e não é bem assim né, porque cada um faz um trabalho, mas enfim.

**6'59'' - Bom, não sei se essa história que você contou em relação à cobertura do menino joaquim que você fala é do...**

7'09'' - Do garoto que foi assassinado pelo padrasto.

**7'14'' - E foi na mesma época que as manifestações? E mesmo assim as pessoas acabaram ofendendo vocês? Assim, de tudo que aconteceu em junho de 2013, com relação ao trabalho, essa história foi a que mais te marcou?**

7'30'' - A do fogo foi. É porque a gente não sabe quem é aquela pessoa, do que ela é capaz, se ela é capaz de voltar mesmo e tentar jogar fogo na nossa viatura, se ela é capaz de voltar armada, não sabe. Cê vê que ela tá muito revoltada, mas então você teme mesmo pela tua segurança. E aí a chefia tomou a decisão acertada de falar "vai embora daí", acho que aconteceram outros episódios, mas o que eu me senti em risco acho que esse foi o maior, porque o cara foi bem claro que ia pôr fogo em tudo.

**8'13'' - Na noite em que o estudante Marcos Delefrate foi morto, como que foi a reação da imprensa?**

8'22'' - Olha, a reação da imprensa em si, eu me lembro que o que marcou muito a gente, é que naquele dia aconteceu manifestação em quase todo país e a única morte foi registrada aqui em Ribeirão Preto. E eu, é, fiquei sabendo só né, durante os telejornais mesmo, à noite, eu já, eu fazia muito o Bom Dia São Paulo, então entrava cinco horas da manhã, então quando era três, quatro, eu já tava saindo da TV né. Mas eu fui fazer a cobertura no outro dia, eu voltei lá no outro dia, naquele local. E até muito triste né, porque tinha a marca dele ali ainda no chão, bem sobre a faixa de pedestre, e ali no canteiro central muitos vasos de flores já, muita homenagem pra ele aí, e depois também fui falar com uma sobrevivente, que tinha a perna quebrada, teve a perna quebrada, machucou a perna dela, não me lembro o que aconteceu na perna dela. Mas eu fui falar com ela, a moça também nova, e difícil porque poderia ser ela né. Poderia ser ela, e ela contou tudo, o desespero que foi, e naquele dia ali, quando eu voltei praquele local, cê sentia que o clima, que o local, que as pessoas que passavam estavam, assim, num estado de que tá acontecendo com esse país, e é o que a gente pensava também né, porque, é, depois fomos fazer a reportagem sobre o atropelador né, que já tinha algumas passagens por ter dado alguns tiros, não sei aonde, mas você vê que era uma pessoa não normal, vamos dizer assim né, mesmo porque todo mundo que saiu do supermercado, a mulher falou olha não sai por aqui porque tá tendo manifestação e todo mundo saiu por ali, ele foi o único que falou que vou passar por aqui né, então quer dizer, uma tragédia que poderia ter sido evitada. E depois também fui lá na inauguração do busto dele, tem um busto dele lá, não conheci ele, mas enfim, é mais uma, a gente sempre pensa na família também né, a família acaba sofrendo,

um cara novo, lutando por um país melhor, teve esse fim tão triste assim. Acho que a imprensa toda, e aí num caso desse, não importa se é uma TV, se é uma rádio, se o cara é de esquerda, de direita, acho que ali todo mundo ficou bem comovido com a situação do que aconteceu com ele.

**11’33’’ - E, bom, você já falou da população como é que eles reagiram a esse episódio.**

11’41’’ - É, entre, entre as pessoas conhecidas também né, entre os colegas de trabalho, todo mundo comentou a barbaridade, a família.

**11’53’’ - Você chegou a falar com a família?**

11’55’’ - Com a família dele não. As pessoas comentavam, eu me lembraria. Porque me marca muito quando eu vou falar com os pais.

**12’14’’ - Como que foi o dia da inauguração do busto dele?**

12’17’’ - Ah também muito comovido. Na verdade, na inauguração eu fui no outro dia também, na inauguração os pais dele foram com uns amigos, eu vi a reportagem, eu fui no outro dia lá, cheio de homenagem, de coroa, de...

**12’54’’ - Qual a sua avaliação sobre a cobertura da imprensa nacional com relação às manifestações e também da imprensa de ribeirão preto?**

13’06’’ - Olha, hm, na época das manifestações você fala né? É, eu acho que, eu volto a dizer que ainda falta um pouco de compreensão do papel da imprensa dentro da sociedade e também acho que falta, o que acontece nos telejornais, nas emissoras, nos jornais é que às vezes a linha editorial tem muito a ver com quem tá chefiando. Vou te dar um exemplo, se eu fosse chefe de um telejornal não colocaria tanto acidente, tanta morte. Eu acho, tanto é que o telejornal tá perdendo espaço, tá perdendo audiência, porque eles insistem em colocar o acidente, a morte, o cara que passou com a moto e assaltou, acho que podia colocar coisas melhores, põe rapidinho, mas a gente precisa falar de coisas boas. Por isso que a imprensa e o telejornalismo tá perdendo espaço pra internet, WhatsApp, porque ali você tem a opção de escolher uma coisa boa que quer ver né, você vai no Youtube pega um clipe que você quer, é muito melhor do que você ficar vendo quinze minutos de catástrofe, aí já é. Agora visão de muitos chefes ainda. Eu tenho essa visão. Então o que acontece numa cobertura como essa é que às vezes prevalece a visão de quem tá no comando né. Não vou dizer eu acho que a Globo é perfeita, ela não é perfeita, nenhuma outra emissora é perfeita. Mas o que é, por exemplo, esses dias manda um cara lá em Brasília com megafone falando que num sei o que, é, que esse povo é vagabundo, corrupto, tem que morrer, tem que prender. Aí por que a Globo não mostra? Gente, a Globo não tem que mostrar isso. A Globo não tem que mostrar um cara com um megafone gritando lá a não ser numa época de manifestação. Como ela não mostrou também a mulher defendendo a vereadora que foi morta lá, xingando os policiais, xingando a direita. Tem que ter um fato né, aí cê fala assim: olha a Globo ela acertou na cobertura? Não sei, perfeita ela não é. Agora as outras, será que a Globo, a Bandeirantes, o SBT, a Cultura, a Record, eles são tudo comunado? Porque eles tudo mostraram a mesma coisa. A questão toda, eles fazem uma reunião e vamo fazer assim? Elas são concorrentes, a gente vive aqui uma coisa ferrenha de cê chegar num lugar a Record filmou e você não filmou, imagina, a Record tem imagem da prefeita Dárcy Vera entrando no camburão e sendo levada embora, você não tem, você vai morrer, você vai ser mandado

embora. Entendeu? Então é isso que eu falo, você vendo todos os telejornais é mais ou menos aquela coisa. E às vezes exagera de um lado, às vezes exagera do outro, mas é... não sei se eles fazem certinho, se eles fazem errado, não sei, é difícil de você analisar, acho que é uma análise muito complicada, porque como eu já tive dos dois lados, eu to lá dentro eu to aqui fora, sou telespectador, se eu fui repórter, eu fico naquele ah, tudo tá certo? Não, mas tudo que falam mal dela tá? Também não é assim né? Então eu acho que, a cobertura foi, mostrou muito da realidade do que tava acontecendo, que as pessoas tavam muito revoltadas, mostrou. Não foi perfeita, mas acho que mostrou a realidade sim, daquele momento político ali.

**17’15’’ - Você acha que teve alguma tendência?**

17’59’’ - Quanto essa questão das pessoas que participaram das manifestações eu tenho uma visão, uma opinião formada sim, eu acho que no momento de manifestação, quando as pessoas saem na rua, como aconteceu que as pessoas saem em massa, saem de tudo. Saiu cidadão, saiu estudante, saiu bandido, sai de tudo. Eu acho que as pessoas que tamparam o rosto, pra protestar, eles tão certo em tampar o rosto pra protestar? Po, se você tá lutando por democracia, cê vai tampar seu rosto? Você tá lutando por não violência, cê vai tampar seu rosto? Então eu acho que ali, isso a Globo mostrou muito bem, os black blocs, que quebraram, que destruíram, atearam fogo, pôr fogo no Itamaraty, o que o Itamaraty tem a ver com isso? E os estudantes que estavam lá, revoltados, tem essa coisa de querer mudar, dar força... então acho que teve de tudo né. E pelo menos a Globo separou muito bem isso. Falou olha, tem nego quebrando, tem nego... então olha, eu sou a favor da manifestação pacífica, que se todo mundo sair, quebrar e pôr fogo... ou então vamo pra revolta armada, vamo enfrentar o exército e tudo... fica bem claro fazer isso aí. Aí volta o que te falo da Coca-Cola, do Mc Donald's e da Globo. Vai lá e quebra uma agência de carro, vai lá e quebra um banco... ah, tudo bem, porque os bancos representam o capitalismo, e aí eu vou quebrar os bancos... sabe? Por que não vai então lá em frente à casa do senador Renan Calheiros então? Por que não vai jogar pedra na casa do Renan Calheiros? Vai quebrar um banco? Quebraram uma banca de jornal, destruíram a banca de jornal do cara, o que o cara tem a ver? Então essas coisas não aceito e não entendo, acho que aí a diferença é clara, dos baderneiros que foram pôr fogo, e dos que queriam mudança. Como a manifestação é pública você não tem controle disso né.

**20’33’’ - Qual você acha que foi o peso e a influência das redes sociais nas manifestações de junho?**

20’37’’ - Ah teve bastante né. Na verdade acho que foi o grande movimento das redes sociais desde quando surgiu assim o WhatsApp, acho que foi um grande veículo de informação e de, e aí pro lado bem e pro lado mau né, que a gente vive hoje essa questão que nem agora a folha e outros veículos de comunicação lançaram esse site pra você saber o que é boato, o que é verdade. Eu acho que ela disseminou muita coisa na época e tal, e aquela coisa, o que é verdade e o que não é. Eu falei hoje numa palestra de manhã, que eu tava assistindo, que todo mundo é jornalista hoje, cê tá indo aqui pra sertãozinho, bate uma foto, manda no grupo, fala pessoal não vem por sertãozinho não. É notícia, cê vira jornalista né. Agora o principal trabalho de um repórter, que todo mundo devia fazer e não faz é checar informação, né. Você passa isso pra frente sem checar, e depois a coisa já tá feita, aí eu passei pra você, cê passou pra ele, e perdeu o domínio, eu até mando pra você ó não é mais, mas você não vai conseguir mandar. É igual água do rio, passou

não tem como voltar mais. Então acho que do mesmo jeito que as redes sociais elas serviram pra que as pessoas se organizassem né, por exemplo, marcar, marcava as manifestações, espalhavam no WhatsApp muito rápido. Então tem o lado bom. Agora, muita informação, não é só por causa da manifestação, mas muita informação errada, acaba sendo disseminada e depois acaba sendo dada como certa e aí depois se eu não tive aquela informação de que aquilo tava errado, eu vou levar o resto da minha vida que aquilo ó, né.... então isso a gente tá vivendo hoje, eu acho que as pessoas, desde a internet, desde o Facebook, agora o WhatsApp, que tem o lado branco e o lado preto, o lado claro e aquela coisa que você não sabe o que vai acontecer, cê tem que tomar cuidado. É uma arma isso. Na internet também, se você quiser usar a internet pra coisa ruim, pra ler coisa horrível, aprender a fazer bomba, cê faz qualquer coisa na internet. Facebook também, Facebook é ótimo, legal, por exemplo, quantas pessoas da minha faculdade que depois fui rever no Facebook, me encontrou pelo meu nome. É um mundo da Barbie né, todo mundo é feliz, todo mundo é bonito no Facebook. Ninguém tem problema, ninguém leva fora da namorada, ninguém é mandado embora do emprego, cê não vê nada disso. Só vê, então quer dizer, virou uma coisa meio um conto de fadas, uma coisa que não é da realidade. Então tem pessoas que vivem a vida do Facebook, eles são felizes no Facebook, porque a vida deles é uma desgraça, e eles não se dão conta disso, e eu conheço pessoas né. Eu posto uma vez por mês eu posto, eu posto minha filha. Mas tem gente que posta todo dia, a roupa que saiu, o prato que comeu, todo dia, cinco seis postagens, é normal uma pessoa dessa? Eu acho. O WhatsApp a mesma coisa, pra trabalho, é maravilhoso. Meus grupos de trabalho, hoje mesmo marquei reunião de manhã... agora se eu quiser ficar vendo besteira, então eu acho que a gente vive isso. É faca de dois gumes mesmo. E na manifestação foi assim, serviu pra organizar, mas serviu pra disseminar muita coisa horrível, mentirosa.

**25’54’’ - Tem essa questão de que muitos afirmam que as manifestações só ocorreram porque foram manipuladas pela mídia. o que você acha disso?**

26’06’’ – Então, mas é... então teve manifestação das pessoas... eu não acredito, acho que isso não tem nenhum fundamento. Não saíram as pessoas de verde e amarelo, os coxinhas, tal? Não saíram os black blocs, mortadela, esquerda? Acho que todo mundo saiu se manifestou do jeito que quis, acho que foi o momento político, entendeu? Nessa época foi quando começou a eclodir essa história de corrupção que ninguém aguentava mais. Aliás o brasileiro não aguentava mais a muito tempo, ali foi o momento de falar: chega. Ali foi o primeiro momento que o brasileiro falou chega não aguento mais, essa corrupção tem que acabar, essa palhaçada tem que acabar, então eu acho que foi esse momento que explodiu, que foi o momento, uma coisa natural. A mídia vai, acho assim, a mídia pode ter várias tendências assim... foi uma coisa natural mesmo, do basta, quando começou a história de jogar tudo a corrupção na TV, e outra os caras tem que falar, os veículos de comunicação tem que informar o que tá acontecendo. Foi um movimento político do povo.

**28’22’’ - Tem mais alguma história ou algum fato que aconteceu nas manifestações de 2013 que você gostaria de falar, que lembra?**

28’47’’ - Eu vivi esses dois lados, daquelas pessoas que tavam falando contra a corrupção, que tavam criticando o PT, e do outro lado, as pessoas de esquerda que tavam defendendo toda essa história e que também, eu fui fazer uma reportagem na prefeitura, fui entrar naquela escadaria, uma menina fechou e falou assim a Globo

não passa aqui. Depois eu voltei lá, sentei com eles e conversei com eles. Quando eles pararam em frente, eles se acamparam em volta da prefeitura e eu fui lá fazer essa reportagem. E a menina fez isso. Eu subi, falei com a prefeita, depois eu voltei e sentei lá com eles. Com o líder, inclusive. Aí tinha aquela coisa, inclusive do lado do lava-rápido, os caras sentados tomando pinga. Falei pra ele né, olha nada é perfeito, imagina se eu mostrar vocês, não tem nada a ver, né. Mas cês acham que eu to aqui, eu não tenho partido, falei pra ele, se a copeira aqui da prefeitura tiver passando aqui cê vai impedi-la de entrar? Porque ela trabalha pra Darcy Vera? Ela é copeira, cê não pode falar que tudo o que a Darcy Vera faz ela tá incluída né? Então eu falei pra eles, sentei, conversei, eles entenderam. Esse momento foi legal, que eu me abri mesmo, expliquei pra eles que eles tinham que respeitar.

---

**Dia 17 de julho de 2018 - Cristiano Pavini - Jornalista do jornal A Cidade.**

**1’55’’ – O que aconteceu na noite que o estudante Marcos Delefrate foi morto?**

2’00’’ - Ó, é, vou contar toda a historinha... teve a manifestação que foi agendada em Ribeirão Preto, assim como em outras cidades, tava tendo aquela epidemia, epidemia que eu digo que começou em SP uma manifestação do movimento passe livre lá, se não me engano na semana anterior ou duas semanas antes, e essa manifestação começou a ter uma proporção cada vez maior, principalmente depois que a Polícia Militar agrediu de forma bem intensa os manifestantes e os jornalistas que tavam cobrindo lá em SP, isso ganhou um destaque nacional e essa pauta da tarifa do ônibus acabou tendo repercussões locais também. Em Ribeirão Preto o Movimento Passe Livre, ele chamou esse ato pra sair em frente a esplanada Pedro II. E eu fui lá pra cobrir, do jornal A Cidade foram, se não me engano três repórteres que foram escalados pra cobertura, e chegando lá a gente viu que tava tendo muita gente. Então ninguém imaginava quantas pessoas iriam angariar em Ribeirão Preto, mas foi muito mais que se esperava e a gente percebeu que era um público um pouco diverso dos protestos até então se tinha de ônibus, então não era um protesto quase estudantil, que era o que ocorria quase geralmente nesses protestos de tarifa, era um protesto bem diversificado, então você tinha criança, idoso, jovem, adulto, e começou a juntar muita gente com pauta muito adversa. Eu lembro por exemplo que tinha o sindicato dos policiais civis, alguns sindicalistas lá com algumas placas em protestos ao governo estadual, eu lembro que tinha sindicado dos médicos lá, tinha gente com pauta contra a corrupção, tinha gente que tava com a bandeira do Brasil, tinha gente que tava protestando porque achava que o governo não era bom, enfim, junto um monte de gente com pautas as mais diversas possíveis. Mas o ato ele foi chamado pra falar da tarifa né. Eles se juntaram lá na esplanada e acredito que eles saíram da esplanada entre 18h, 18h30, seis horas foi a concentração senão me engano 18h30 foi quando eles saíram, por que? Porque eles queriam concentrar às 18h que era quando fechavam as lojas, pro pessoal fechar a loja e depois já engrossar o coro. Começou a ter muita gente, muita gente, aquela esplanada foi ficando cheia, os jornalistas, eu lembro que tinha uma hostilidade com relação aos jornalistas por parte do movimento, principalmente em relação a rede Globo, o jornal a cidade faz parte da rede Globo, ele é do grupo EPTV, que é afiliada da rede Globo. Então a gente não ficou com receio, mas também não ficou muito exposto. Fomos juntos com o pessoal na passeata, os repórteres, nós saímos juntos e a passeata foi conduzida pelo Movimento Passe Livre, apesar de todas essas pautas diversas, esse monte de gente, eu lembro que quem conduziu foi o Movimento

Passe Livre, eles estavam com faixas, com bandeiras, saíram da esplanada, foram percorrendo a General Osório e foram percorrendo o centro. Subiram a Independência e foi uma coisa bem bacana, porque conforme eles iam passando pelo centro, as pessoas que moravam nos prédios, nas casas, buzinavam, aplaudiam, e foi bem bacana nesse sentido, porque eu tinha na época, tinha acabado de chegar em Ribeirão Preto, cheguei em Ribeirão Preto em abril de 2013 e na época eu era recém formado também, então eu tinha acho que 23 anos, na época, então pra mim também, era jovem, era uma coisa bacana de ver aquela efervescência e tudo mais. Aquele movimento foi subindo a Independência, eu lembro que inclusive os carros que estavam parados na Independência, buzinavam em apoio, não teve nenhum tipo de hostilidade, era um clima geral pró manifestação. Durante a manifestação, fui conversando com alguns manifestantes, e eu fui percebendo que, apesar de ser um movimento pela tarifa, pela redução da tarifa do ônibus, cê tinha realmente pautas diversas. Muita gente tava lá só por protestar, sabia que tava desgostoso com alguma coisa, mas não sabia o que. E tinha pautas que eram totalmente contrárias ao que pregava o movimento. Então o Movimento Passe Livre ele é um movimento que ele é de esquerda, e cê tinha por exemplo, eu lembro até hoje de uma senhora, que devia ter uns 60/70 enrolada numa bandeira do BR, e que ela tava lá manifestando pela volta dos militares ao poder, então não era, não foi desde o início em Ribeirão Preto, um movimento uniforme, de ter sempre só uma pauta. Ele foi chamado pra uma pauta, que foi da tarifa, mas que juntou gente de todo lado que queria manifestar, como foi em todo Brasil, acredito. A visão que eu tenho é que no Brasil inteiro foi assim, começou com os vinte centavos e quando ele pipocou em toda cidade, em todo país, toda cidade grande do país teve uma manifestação, já foi essa manifestação diversa, chamada pela tarifa mas que teve um monte de pautas nela. Então juntou esquerda, direita, centro, gente que não sabia mais ou menos, não tinha a posição definida mas tava lá pra protestar, principalmente contra o governo de forma geral e os serviços públicos, então eles pediam mais saúde, mais educação, e foi indo assim. Foram subindo a Independência de forma bem devagar, tinha gente batucando, cantando, e em algum momento esse grupo se dispersou, eu não consigo agora me recordar em que trecho, mas eu acredito que foi na junção da Independência com a Vargas, se eu não me engano. Quando essa massa chegou na Independência com a Vargas, parte ficou por lá e parte acabou indo pra Vargas rumo à Fiúsa. Esse grupo quebrou, boa parte ficou por lá pela Independência com a Nove, boa parte foi seguindo pra Vargas com a Fiúsa. Foram indo, foi uma coisa que eu lembro bacana que esse pessoal que tá indo pra Fiúsa, eles até gritavam pras pessoas que tavam nos prédios da Fiúsa alguma coisa assim “hey playboy, apita aí pra nós”, ou aplaude aí pra nós, alguma coisa assim, até caçoando essa galera que tava nos prédios. E esse grupo que foi pra Vargas era o grupo mais engajado pra tarifa mesmo, aquele grupo que queria realmente a tarifa. Então você pensa, um grupo que tava discutindo redução de tarifa de ônibus tava na classe, no bairro mais rico de Ribeirão Preto, e recebendo apoio de gente que tava no prédio da Fiúsa e tudo mais e eles aproveitaram até pra tirar esse sarro. Foram lá, fizeram alguns atos, eu lembro que tinha muito jogral, as pessoas sentavam no chão, aí um começava a falar ah estamos aqui pra isso, e todo mundo ia repetindo, a voz até chegar lá no fundo. Todo mundo falando pra chegar lá atrás. E começaram a fazer alguns atos lá, na rotatória da Fiúsa com o Pão de Açúcar. E ficaram conglomerados lá. Eu não consigo precisar quantas pessoas tinha, mas imagino que tinha um terço dos vinte cinco mil, devia ter umas oito mil pessoas, de oito a cinco mil, não tinha mais que

isso não, com certeza. Ficaram por lá e os carros que iam saindo do Pão de Açúcar, eles saíam, viam que tinha um monte de gente e davam a volta, saía de ré, alguma coisa assim. Até que apareceu essa, a Range Rover do Ichisato. Essa Range Rover chegou, foi lá na frente, no começo, ninguém deu muita bola praquilo, que era só mais um carro que tava lá com os manifestantes, e os manifestantes desde o começo, em nenhum momento, eles pressionaram os motoristas de forma a intimidar, eu lembro que antes deles foram pelo menos dois ou três carros, que eu vi, que saíram do mesmo ponto do pão de açúcar, do mesmo estacionamento lá da Bianco Molina e pararam na manifestação, os manifestantes falaram, coisavam, até davam uma buzinadinha em apoio, dava ré e ia embora, não teve nenhum problema com os outros. Com esse aí, ele saiu, parou bem colado aos manifestantes, e os manifestantes começaram a bater palma pra ele sair, ele não se manifestou, nem entrou na brincadeira deles, nem dava sinais de sair. E aí isso irritou parte dos manifestantes que tava lá na frente, tinha alguns que tava até um pouco mais exaltados então começaram a cercar o carro, mas sem bater no carro, sem fazer nada, e pedir pra ele sair, pra ele dar ré. E ele não dava ré. Ele ficava parado lá. Isso ficou, coisa assim, na minha cabeça isso durou de 3 a 4 minutos, assim, passa o cara parado lá, querendo ir, o pessoal falando pra ele voltar. E aí uma hora ele começou a dar ré. Bem devagarzinho. E ele começa a dar ré bem devagar, todo aquele clima, aquele pessoal que tava lá, começou até aplaudir ele. Aí de repente, não sei por que, ele para e vai um pouquinho pra frente, não sei se foi proposital, se foi algum erro dele. Eu acredito que não foi erro porque o carro é automático, então o correto é até ele continuar indo pra trás. No que ele dá essa puladinha pra frente, teve esse pessoal que tava mais exaltado, que era coisa de cinco dez, claramente era de cinco a dez que tavam mais exaltados, todos os outros tavam super de boa. Depois que ela dá essa parada e aceleradinha bem devagar pra ir pra frente, foi meio que uma afronta pra esse pessoal, eles começam a bater no carro e senão me engano tem um cara com skate que dá até uma skatada na frente do carro no vidro. O carro dele era blindado então não iria quebrar. De toda forma teve essa porrada. Aí nisso o pessoal bate, dá uma afastada, e ele acelera e vai. E no que ele acelera ele pega o pessoal que tava pela frente, ele pega gente que não tinha nada a ver com aquilo. Que tava, como era o Marcos, o Marcos eu não sei como que, qual que era, como ficou definido no fim, se ele tava sentado, ou se ele tava em pé, porque muita gente sentou ali pra bloquear a passagem dos veículos. Eu não lembro se ele tava sentado ou se ele tava em pé. Eu não vi, e muita gente na hora falou, ah ele tava sentado, ah ele tava em pé. Aí o carro sai e fica aquele, um cenário caótico então, porque perto do que aconteceu, se eu não me engano, foi o Marcos, que foi morto e mais quatro pessoas que ficaram feridas mesmo, assim, de ter que, ter uma escoriação mais greve ou uma internação. A conta que eu tenho e da reportagem da época é isso. O Marcos morto e mais quatro pessoas que teve não gravemente, mas que teve uma, precisou de um cuidado médico mais incisivo. No que ele saiu ficou um negócio caótico lá no meio, porque muita gente caída lá no chão. Muita gente pulou pra escapar do carro, gente que caiu em cima do outro, e aí ficou um cenário complicado porque aí ele foi embora, pouco depois já começaram a enviar ambulância, tinha muita Polícia Militar, lá no entorno e isso a PM deu apoio pra manifestação o tempo todo, eles não chegaram a fazer como foi em SP, que em SP eles reprimiram a manifestação. Em Ribeirão Preto eles deram suporte pra manifestação na verdade. A PM já chegou pra ajudar no socorro, rapidamente já chegou a ambulância, e o corpo de bombeiros, e se eu não me engano o, e desde o começo, em volta do Marcos formou uma roda, porque era o que tava com uma

situação mais complicada. Eu tenho pra mim que algumas três ou quatro jovens que tavam lá, falaram que eles eram médicos, estudantes de medicina, se não me engano um deles falou que era estudante de medicina da USP e foram dar os primeiros socorros pro Marcos. Eu ouvi falar, eu não fiquei em cima pra ver, pra não ficar muita gente lá, eu lembro que a imprensa que tava lá até se recolheu um pouquinho pra não ficar muito em cima, eu por questões éticas não fiquei em cima, dei uma volta pelo local pra ver como tava a situação. Mas do Marcos em específico, não fiquei em cima, porque tava muito tumulto. A PM também pediu pra dar uma afastada, não filmei os atendimentos, filmei o atropelamento, mas não filmei os atendimentos. E se não me engano, na época, eu ouvi falar, isso precisa até ser confirmado com a família do Marcos, que tentaram uma traqueostomia nele, com uma caneta. Isso foi uma coisa que eu lembro que na época eu ouvi falar. Isso é fácil de confirmar porque, se não me engano o Ichisato, no processo ele disse que o Marcos morreu não pelo atropelamento, mas pelo procedimento que tentaram. Então eu sei que teve um primeiro socorro que foi invasivo. Mas alguma coisa lá, agora não sei foi uma massagem cardíaca ou se foi essa traqueostomia mesmo que na época eu ouvi falar. Massagem cardíaca com certeza tentaram nele. E aí chegou a ambulância, colocaram na ambulância, só que ele ficou uns cinco minutos dentro da ambulância e então dois amigos dele saíram chorando, que eram dois amigos que eu vi que estavam acompanhando desde o começo o socorro do Marcos, eles estavam bem aflitos, aí fui perguntar pra eles, ó o que aconteceu? Ele falou assim, ele morreu, o Marcos morreu, e os outros que foram atropelados foram socorridos sem grande gravidade. O ato acabou ali. Eu lembro que estenderam uma bandeira do Brasil no chão onde o marcos foi atropelado, tinha bastante sangue lá, estenderam uma bandeira do Brasil lá, alguns rezaram, fizeram uma roda, rezaram um Pai Nosso, e aí começou uma boataria. Eu não sei quem, mas um grupo conseguiu, isso é uma época que não tinha WhatsApp ainda, ou se não era uma coisa muito difundida. Mas começou a circular pelas redes sociais, alguém conseguiu puxar a ficha do Ichisato. Como descobriram que era o Ichisato? Como muita gente tinha feito filmagem do veículo, passaram pra PM e a PM já puxou na hora quem que, pelo sistema deles de segurança, puxou quem que era o proprietário, tudo, e viram esse Ichisato. E rapidamente circulou pelas redes sociais, Ichisato é esse cara, inclusive começou a circular o Facebook dele, e no Facebook ele mostrava inclusive o veículo que ele tava usando, a Range Rover, que acabou atropelando pessoal. Formou até uma boataria que ele iria se entregar no plantão policial. Eu lembro que muita gente se deslocou pro plantão policial lá na Duque de Caxias pra tentar interceptar ele, alguma coisa assim. Aí foi aquela confusão, fomos pro jornal, confirmamos de fato a morte do jovem, e aí pensamos o que a gente ia fazer né. Aí cheguei no jornal, eu era o único do jornal que tava lá frente, porque como dissipou o pessoal, parte ficou num canto, parte ficou em outro... chegando no jornal, reuniu eu, os outros repórteres que tavam na cobertura, o editor chefe do jornal e o diretor de jornalismo, pra definir como seria o tom da cobertura. Porque como era a maior manifestação popular que já teve na história de Ribeirão Preto, com 25 mil pessoas, e esse número quem deu foi a PM, na verdade ninguém sabe quantas pessoas tinha naquele dia, isso é uma coisa que é certeza, ninguém pode imaginar quantas pessoas tinha. A PM tava de sobrevoo, helicóptero, vista aérea. E aí discutimos qual seria o tom da cobertura, do jornal no dia seguinte, se seria a manifestação, se seria a morte, a gente decidiu que ia unir as duas coisas. Se eu não me engano, a morte do Delefrate foi a primeira morte no país das manifestações, não poderia ocultar isso, e não poderia esquecer a manifestação. E

naquele dia, foi isso. Aí ficamos de plantão até meia noite pra esperar se ele ia ser procurado, o Ichisato e também pra confirmar uma segunda morte (na época circulou muito que tinha uma garota também em estado grave).

**27’51’’ - Teve algum motivo pra eles se separarem?**

27’54’’ - Acho que não, acho que foi um problema de liderança. Porque esse ato foi chamado pelo Movimento Passe Livre de Ribeirão Preto, esse Movimento Passe Livre é um grupo restrito de pessoas né, não é um grupo com grande capilaridade, e todo o mais. E alguns movimentos sociais de Ribeirão Preto deram apoio, então que eu me lembre o movimento Se Vira e o Panelaço foram dois movimentos que ajudaram a chamar a população pro ato e o movimento Panelaço principalmente foi o movimento de Ribeirão Preto que tinha certo poder, principalmente quando eles protestaram contra o aumento do número de vereadores na câmara. E o que aconteceu, então você tinha um movimento que vinha com uma linha de frente, chamando protesto e as pessoas que tavam atrás, e eu lembro que a própria liderança, na época, as lideranças, porque eram mais de uma, então uma parte falou vamo pra Fiúsa, pelo simbolismo da coisa, de marchar até a Fiúsa que é a zona mais rica de Ribeirão Preto, e parte decidiu ficar por lá, como tinha muita gente idosa, muita gente com criança de colo, ia ser meio que inviável a pessoal marchar, caminhar, da esplanada até a Fiúsa, mas é uma caminhada pesada até, não é uma caminhada fácil. Aí foi por isso que acabou separando, eu lembro que inclusive eu vi membros de cada uma das vertentes falando vamo ficar aqui, não vamo pra lá. E foi indo, uma parte foi seguindo, uma parte foi ficando sabe. Eles não tinham um itinerário. Porque se eu não me engano era até uma estratégia do Movimento Passe Livre não divulgar quais seriam as ruas que eles fariam os atos, porque a manifestação, principalmente em São Paulo, é pra incomodar, é pra travar trânsito, fazer todo esse tipo de coisa, e essa era uma ideia que eles traziam pra cá também, não divulgar o trajeto justamente pra ter esse impacto maior. Então não é que eles saíram do trajeto, acredito que eles foram caminhando e chegou uma hora que eles se dividiram. O Marcos foi pra rua pra reclamar porque queria mais saúde, queria paz, educação. Eu lembro que eles falaram que foram de branco simbolizando a paz. Ele e os amigos. Eles tavam com o rosto pintado, com a bandeira e o rosto do br. E aí você vê como é né, porque o MPL não prega esse nacionalismo, bandeira do Brasil e tudo o mais, e acabou trazendo esse tipo de gente lá, de forma legítima né, eles queriam protestar, aí foram essas duas, esses dois amigos dele, que ficavam em volta. Depois conversei com eles, eu lembro que eles tavam muito abatidos quando conversei com eles. E enquanto o Marcos tava sendo socorrido o telefone celular dele tocou, e era a avó dele ligando pra ele, pra perguntar se tava tudo bem, e isso é uma coisa que eles me contaram depois, e a avó dele depois me falou, que ela se sentiu mal de repente, ela tava em casa, ela se sentiu mal, e resolveu ligar pro neto, e enquanto ele tava sendo socorrido, o celular dele tocou no jeans dele né, já tava morto aquela hora, praticamente. No dia seguinte depois teve o enterro né, foi feito cortejo e tudo o mais, e lembrando aqui, muitos colegas dele foram lá, tudo. E acabou fortalecendo pra uma nova manifestação que teria, acho que no dia posterior.

**35’31’’ - Quando você falou que o empresário ele acelerou pra cima dos manifestantes, ele continuou pela rotatória?**

35’45’’- Ele tinha a possibilidade de voltar. Pegou o prolongamento da Fiúsa.

**40’53’’ - Sobre o caso do Delefrate, você acha que vai ter uma solução?**

41’03’’ - Acho que sim, acho que, a última reportagem que fiz foi em 2016, então acabou ficando pra outros colegas do jornal, mas acredito que sim. O Ichisato vai passar por júri popular e aí vai do júri pra ver se ele praticou homicídio doloso ou culposo.

**44’37’’- Você presenciou algum ato de violência?**

44’39’’ - Não, de violência não. Havia uma hostilidade, havia, tinha algumas, alguns gritos contra, principalmente o grupo Globo, principalmente porque a cobertura da imprensa, também tem que pensar no protesto da seguinte forma. Quando ele começou em são Paulo, o Movimento Passe Livre, o ato anterior, ao que a PM deu porrada em todo mundo, inclusive jornalista. No começo a imprensa, majoritária, eles trataram com pé atrás, falou que era baderna... e depois quando a PM bateu em todo mundo e o movimento cresceu, teve editoriais dos jornais, então a imprensa acabou voltando atrás quando viu que não era um movimento só restrito a um grupo, era um movimento que tava tomando proporções maiores, e, mas quem organizou, que era grupo de esquerda, eles já são refratários à imprensa, de modo, não a imprensa aos jornalistas de modo geral, a imprensa que eles consideram é empresarial de alguma forma, isso, por questões que eles pregam, de distorção e tudo o mais. Então aqui em Ribeirão Preto quem era mais engajado no movimento da tarifa tinha essa restrição com relação a veículos de imprensa, em especial da Globo, nada de violência. Eu não presenciei nenhum ato de violência ou de hostilidade de amedrontar. Era questão mais de grito de guerra.

**49’18’’ - Qual a avaliação que você faz da cobertura da imprensa nacional e de Ribeirão Preto?**

49’25’’ - Ó, eu acho que na época quem conseguiu ir mais a fundo, que fez uma cobertura muito boa das manifestações foi a Mídia Ninja. Foi um grupo coletivo que surgiu durante esse protesto, e eles faziam cobertura ao vivo do que tava acontecendo. O que se passava de fato e além da manifestação era a mídia alternativa. A mídia alternativa fez uma cobertura muito mais real do que a mídia tradicional. Eles são mais fiéis, só que eles tinham partido. Eles tinham um lado, o lado dos manifestantes. Mas conseguiram retratar com mais fidelidade, principalmente a violência policial em São Paulo. A nível local teve uma ou outra mídia alternativa, e a imprensa, eu vejo que foi uma cobertura equilibrada, eu falo pelo jornal A Cidade. Aqui em Ribeirão Preto a cobertura foi mais o que eles estavam pedindo e menos atos de vandalismo.

**55’53’’ - Qual o peso e a influência que as redes sociais tiveram nas manifestações de junho de 2013?**

56’20’’ - Eu acho que o peso, como em todo país, foi um peso muito grande. Não sei dizer se sem rede social, teria ou não teria. Mas no contexto mundial de redes sociais angariando os protestos. Acho que as redes sociais serviram, em primeiro momento para difundir o que tava acontecendo, em São Paulo pra outras cidades. Teve o papel de organizar quem tava fora. Foi pelo Facebook que eles organizaram. E teve o papel de organização entre os organizadores, pro próprio movimento se organizar entre si. No dia que o Delefrate morreu tiveram o papel muito grande de informar o que tava acontecendo pro pessoal. Pouco depois começou a circular o perfil do Ichisato. De difusão de informação.

**Dia 18 de julho de 2018 - Raphael Inácio - Na época, participante de um dos movimentos organizadores, o MPL (Movimento Passe Livre) - entrevista realizada por WhatsApp.**

**1 – Posso te retratar no livro como organizador naquela época?**

R: Nossa cara isso é um tema bem difícil assim, acho que a gente poderia buscar uma outra forma de representar minha participação que não foi única, eu não fui o único organizador. Foi um conjunto de pessoas que estavam juntas eu acabei sendo de alguma forma a cara do movimento, o porta voz do movimento porque em determinados momentos eu li cartas falei com a imprensa e tudo o mais, mas acho que é complicado a gente colocar como organizador mesmo. É, talvez, um dos principais participantes, não sei assim. Acho que teria que ser uma coisa que personificasse menos porque eu acabaria atropelando também quem teve uma responsabilidade tão grande quanto a minha naquela época entendeu?

**2 – Entendi, eu pensei em uma aqui agora: participante do movimento organizador.**

R: Isso, acho que é melhor assim. É porque até mesmo pra não citar diretamente o MPL, participante de um dos movimentos, porque na verdade não era apenas um. Mas basicamente o núcleo era Se Vira, Panelaço e MPL.

**3 – Como que foi participar das manifestações do lado da organização dessas manifestações?**

R: A minha participação na organização foi uma consequência na verdade, de um processo que já vinha acontecendo desde o final de 2012 começo de 2013 com o Panelaço e o Se Vira. A gente fez a, houveram aquelas manifestações contra o aumento da tarifa, dos salários dos vereadores e eu não acompanhei o começo disso, mas fiquei no meio, fiquei um pouco no meio do se vira, mas não consegui me engajar ali, me engajar de fato. Mas e antes disso eu tinha acumulado um conhecimento na verdade, eu acompanhava o MPL em São Paulo, acompanhava pelo Facebook e o site deles e tava muito, eles tavam um processo já, tudo que culminou em 2013 foi um processo que eles vinham desde 2009 em relação ao direito do transporte, reforçando a causa do passe livre, pelo fato de o transporte hoje não dá pra ser considerado apenas um serviço, um serviço acessório, mas um serviço útil né, isso é necessário porque o tamanho das cidades hoje a gente não consegue garantir os nossos direitos básicos se não for pelo transporte né, então a partir disso eu fui acumulando na verdade essas informações, esse conhecimento em relação ao transporte, em relação ao próprio MPL, a forma de organização do MPL pra mim na época que eu tava juntando essas informações era bem confusa, aí me aproximei em 2011/2012, me projetei a partir do Panelaço e do Se Vira Ribeirão Preto, participei mais ativamente do Se Vira Ribeirão em 2014/2015, e aí dentro dessa, desse surgimento de movimentos a gente já tava de alguma forma tentando organizar um Movimento Passe Livre em Ribeirão Preto, aí a gente conseguiu puxar umas reuniões logo no começo de junho, logo nos primeiros atos que tiveram algumas repercussões, a gente conseguiu puxar essa reunião e aí numa primeira reunião deram umas 20 pessoas, que na época era bastante, numa segunda reunião 100 pessoas e a gente viu a coisa crescendo, o processo em si, foi uma coisa complicada pelo fato de ter de lidar com divergências políticas e a gente tendo

que reforçar uma posição do MPL, uma posição em que a gente não tá ali pra falar, a gente tá ali pra falar exclusivamente da tarifa, e aí puxar outras discussões, mas se alguém quiser puxar algum ato em relação a isso a gente deixava em aberto mas não como forma de sobrepor a pauta do transporte, então foi uma coisa bem, um processo bom pela experiência por saber lidar, por ter, conseguir criar uma relevância dentro de uma pauta como essa na cidade, e também foi ruim porque a gente teve que lidar com pessoas que estavam ao mesmo tempo do nosso lado como partido ou outros movimentos mas também que não respeitavam a forma de organizar ou a forma que o MPL se organizava, diria até que foi quase uma geração espontânea o surgimento do MPL e de todos os atos que aconteceram em 2013. Mas eu digo geração espontânea, mas ela não surgiu do nada já tinha uma construção de movimentos de atividade que tava levando as pessoas a se apropriarem um pouco mais das reivindicações como aconteceu no Se Vira, no Panelaço.

**4 – Sei entendi sim, com relação às reuniões que você falou, como elas aconteciam? Como vocês se organizavam, marcavam essas reuniões, tinha dia específico pra acontecer? Como que foi esse processo das reuniões em 2013?**

R: A gente usava bastante o Facebook né, era basicamente o Facebook. A gente criava o evento, criava uma arte simples chamando pra reunião e aí a gente colocava um ponto estratégico central né. Primeira reunião foi ali em frente ao Drogão, no calçadão, no coreto ali, a segunda reunião foi na já foi a reunião maior, foi na esplanada do Pedro II. E era isso, assim, a gente convocava pelo Facebook, criava o evento, convidava a galera e colocava basicamente a pauta na descrição e nessa primeira reunião que ocorreu a gente, esse pessoal que tava organizado em volta do Se Vira e do Panelaço acabou criando esse evento junto com a gente do MPL, pensamos numa data pra aproveitar o que tava acontecendo de efervescência no país né, e principalmente, em São Paulo e aí a partir disso a gente pegou e criou um evento, eu não lembro exatamente em que dia da semana que foi, mas esse evento, as pessoas aparecerem e aí desse evento a gente já tirou um outro pra fazer uma outra reunião, pra organizar trajeto, organizar algumas coisas mais burocráticas e até questão de pauta, mas isso já foi fugindo um pouco, mas basicamente isso, partindo de uma primeira reunião a gente já tirava uma data pra reunião seguinte.

**5 – Vocês dos movimentos organizadores dessas manifestações vocês se reuniam antes entre vocês pra conversar ou vocês só se conversavam pelo facebook e aí alguém criava o evento? Como que era essa estrutura pra chamar pras manifestações?**

R: A gente na verdade, a gente se reunia antes, não era nem uma reunião anterior, mas a gente tava sempre atendo às questões políticas que tavam acontecendo na cidade e como a gente trabalhava praticamente junto porque dentro da UGT que foi o espaço que basicamente formou e sediou os movimentos de 2012 pra cá sabe? Então a gente se conhecia todo mundo dali então a gente começava a conversar e acabava falando vamo fazer um evento, marcar uma reunião, fazer um ato, vamo trazer o pessoal pra se apropriar dessas pautas, ainda mais com tudo acontecendo no país inteiro, em São Paulo. O primeiro ato a gente fazia dentro, a partir desse trabalho que a gente tinha na UGT assim, aí depois disso a gente abria pras pessoas de maneira geral, que a gente criava evento no Facebook e tudo o mais.

**6 – Eu poderia então dizer que a ugt foi como um quartel general dos organizadores das manifestações?**

R: Não diria quartel general não, mas um espaço de formação mesmo. Não só de hoje, mas desde sempre a UGT teve esse histórico de formação né, de formar pessoas que se apropriassem da sua condição social ou das suas necessidades sociais ali. Então acho que seria mais isso mesmo, tem muito mais a ver com a história do espaço porque o espaço ali já foi desde sindicato base para movimentos revolucionários, contra ditadura, antes da ditadura e depois da ditadura foi um espaço maior de existência porque teve o movimento negro, então é um espaço de formação mesmo.

**7 – Beleza é só pra eu, as questões das denominações porque conforme eu to tentando imaginar como vai ser o livro que vou te escrever, não sei se já tinha te falado isso, aí já to imaginando como eu vou escrever.**

R: Tudo bem, a gente tá aqui pra tirar dúvida, até mesmo se não couber tudo hoje a gente continua, ou continua durante semana, enfim, conforme for melhor pra você também.

**8 – Você, por que que o Raphael participou das manifestações de junho de 2013?**

R: Olha foi, como eu disse, um processo que foi se criando né. Eu já tinha um certo incômodo com a questão do transporte na cidade, não fazia sentido pra mim a gente pagar transporte, pagar tão caro sendo que ele não era nem um serviço público de fato, é um serviço público de seção privada, você diz privada de concessão né e aí isso começou me incomodar sim, foi aí que comecei a acompanhar o MPL, isso em 2009 mais ou menos, 2009, 2010 na verdade, eu comecei a acompanhar o MPL e aí também foi um processo de mudança de perspectiva, ideologia também, eu diria, porque as coisas vieram muito dadas, muito comuns pra mim, eu não tinha um certo questionamento a porque as coisas aconteciam da maneira que aconteciam, sabe? Daí eu comecei a participar dos movimentos, principalmente do Panelaço, que foi meu primeiro contato de movimento social aqui em Ribeirão Preto, isso só ficava, só via o que acontecia pelo Brasil via Facebook principalmente né e Twitter, aí depois disso eu comecei a participar, eu cheguei na UGT fazendo parte de uma conferência de transparência e controle social participei das reuniões fiz algumas sugestões e aí um pouco depois que eu participei disso surgiu o Panelaço e aí eu fui conhecendo o pessoal sabendo o que tava acontecendo ali e tal e foi a partir daí que foi meu processo de construção pra chegar em 2013. Porque aí em 2012 teve o Se Vira também participei de alguma forma, mas em 2013 eu senti que tava um pouco mais apropriado do que, de como, do processo assim, da dinâmica de um ato, de como conseguir minimamente chamar um pessoal, chamar pessoas para se reconhecerem, se identificar com a pauta e 2013 foi muito propício pra isso, porque as pessoas se apropriaram de alguma forma, tudo bem que hoje a gente, 2013 foi um divisor de águas pro que a gente ta vivendo hoje, mas eu acabei entrando nessa porquê de alguma forma eu era quem tinha mais apropriação dentro dos movimentos, dentro de quem tava participando ali do que era a pauta até mesmo porque né, entra aquela questão do lugar de fala porque sempre andei de ônibus, até hoje ando de ônibus, então a gente consegue fazer, consegue entender o que é realmente você passar um aperto, você ter que levar três horas pra você faz um, sai de casa, leva uma hora pelo menos pra chegar no trabalho, depois mais uma hora

pra voltar pra casa, e isso não é contado como hora de trabalho né. E aí foram essas indignações e essa forma de organização que eu acabei tendo contato e a pauta estando em alta que acabei me juntando a outras pessoas e a gente acabou criando essa tudo o que aconteceu em 2013 assim, mas não digo que tenha sido apenas pela pauta, mas todo um processo anterior e eu me via também como sendo um processo natural que eu fui levado assim, que eu já tinha uma certa indignação com outras questões sociais e a que mais bateu mesmo que eu me senti apropriado que me senti à vontade pra poder falar, pra poder participar e até mesmo botar a cara como eu botei, foi a questão do aumento da tarifa. Minha participação ali foi exatamente por isso, mesmo havendo outras questões que deveriam ser ditas, elas não cabiam ali no momento. A questão era o aumento da tarifa, ponto. Então foi isso, foi conseguir participar de um processo também né, um processo que não foi só regional né, foi um processo nacional essas manifestações, ainda que tenham sido deturpadas no meio do caminho. Mas basicamente é isso, eu me senti apropriado dentro de uma pauta em que eu poderia falar sem pensar que eu estaria roubando o espaço de alguém e que eu me via realmente incomodado, porque eu não queria ficar pagando três reais, na época acho que estava indo pra 3,10. Não queria ficar pagando isso e aí dentro disso a gente já começava a questionar outras formas, como é a relação do estado e a empresa, como é a questão da licitação, a gente entrou em todo esse mérito, então foi um momento de indignação mesmo, mas um indignação que ela foi vivida e muito bem conhecida, no sentido de conhecimento mesmo do que tava acontecendo, do que precisava ser feito ou de como poderia ser feito de toda a parte digamos teórica da coisa então foi basicamente isso.

**9 – No caso de 2013, meu foco é junho de 2013 por conta que foi o início lá em São Paulo, e aí depois veio aqui pra Ribeirão no dia 20, então com relação a Ribeirão Preto qual foi o momento mais marcante pra você nessas manifestações de junho de 2013?**

R: Nossa, foi o dia 20, foi um dia marcante assim né. Foi um dia bem bem difícil assim né, no começo ele foi ok, foi, eu tava me preparando e eu não sabia muito bem o que ia acontecer, e eu tenho assim, um problema de memória que em tudo na vida na verdade, que eu não lembro quando as coisas ocorreram mas eu lembro como aconteceram né. Do dia 20 exatamente eu lembro que eu cheguei no ato e eu vi aquela coisa, no dia anterior na verdade né, eu tava combinando, eu morava no Campos Elísios, mas eu tava sempre andando pelo centro, eu passava e via pessoas comentando assim “ah vai ter manifestação amanhã, você vai?”, tipo senhoras, pessoas da minha idade, sabe e aí fiquei pensando nisso assim, nossa o pessoal tá engajado mesmo né, e aí ficou aquele misto de será que a galera tá entendendo mesmo? Porque a reunião nos dias anteriores, ela foi confusa, pessoal tava querendo colocar pauta que não tinha a ver com o transporte de fato assim, então, e a gente entrou em discórdia até em relação ao trajeto sabe? Então foi uma coisa bem complicada assim de se definir de fazer mesmo, e aí no dia 19 eu tava andando e vi essas pessoas falando né, aleatoriamente, não parava pra conversar com elas, só ouvia. E depois no dia 20 eu chegando na esplanada eu começava ouvir barulho de apito e tudo mais e pensava: nossa tudo isso é pra isso cara, será? Aí chegando lá vi aquele mar de gente e falei, cara, nunca tinha visto um ato em Ribeirão Preto desse jeito assim. É muita gente, e aí comecei a ver aquela coisa de verde e amarelo e tudo mais e começou a me incomodar, de alguma forma, e aí a gente foi levando assim, a gente, eu não lembro qual que foi o trajeto exato, acho

que foi o segundo ato que a gente foi pra Câmara, é, o primeiro a gente foi sentido a Independência, e a gente foi puxando e o pessoal querendo fazer uma coisa, querendo fazer outra e a gente segurando ali, é, a gente não querendo também controlar as pessoas, porque isso não fazia parte da nossa proposta, o controle das pessoas, e a gente conseguiu conduzir bem até a Independência, e aí na Independência eu falei, não acabou o ato né, cansei e tal, mas aí aconteceu aquela tragédia né, em relação ao Delefrate né, que na minha concepção, não querendo achar culpados mas, a gente já tinha definido que não ia passar da Independência, da Nove de Julho com a Independência, a gente ia ficar ali, e um grupo realmente puxou assim, e aí o Marcos e os meninos, e outras pessoas foram junto e aí deu a merda que deu, eu lembro que voltei daquele dia arrasado, porque não era só por causa do ato em si né, mas pela tragédia e também porque já tava aquele, um clima, depois da tragédia, a gente entrou num clima que foi um clima quase de derrota, de não, as manifestações não são isso, não é isso que a gente quer, não é isso que a gente tá procurando, eu lembro que na época rolaram vários textos sobre isso, de como as coisas estavam sendo conduzidas de que isso não era realmente um ato que a esquerda progressista tava esperando, enfim, começou a rolar uma certa depressão de como aconteceram os atos, apesar de Ribeirão não ter sido a primeira, e essa questão do Marcos assim derrubou fortemente, passei uns dias bem, de alguma forma deprimido por conta disso, porque, querendo ou não a gente era responsável por ele ali, e por outras pessoas que estavam ali. E de alguma forma a gente sente e foi uma coisa bem difícil de esquecer né, na época, e tanto que no segundo ato, a gente fez em homenagem ao Marcos e também pela tarifa, mas certamente o dia 20 foi um dia marcante assim, o dia do ato em si. Porque não sabia, não sabendo o que me esperava, continuei o dia, segui o dia não entendendo porque aquelas pessoas estavam de verde e amarelo, porque elas estavam ali, porque elas estavam com placas que não diziam nada a respeito da questão do transporte, mas a gente seguiu e aí depois com a tragédia foi mais marcante ainda, pior ainda, então certamente foi isso que me remete bastante a 2013 é todo esse dia 20 em si.

**10 - Entendi, realmente foi bem chocante tudo o que aconteceu e to lendo várias matérias, conversando com jornalistas que estavam lá na época e conforme eles vão contando... cada um tem sua versão né, cada um tem sua visão, então é uma coisa bem forte de se ouvir. E por quê você ficou incomodado com as pessoas que estavam de verde e amarelo?**

R: Ah é que foi um incômodo muito ufanista sabe, é como se, essa coisa do patriotismo é uma coisa que faz com que as pessoas façam parte de atos e todas as consequências em nome de um país ou bandeira. Meu cuidado sempre foi esse. Isso é uma coisa também, que não quer dizer que eu não goste do Brasil, não que seja anti brasileiro, pelo contrário, as pessoas que costumam usar verde e amarelo, são as mesmas que tem a síndrome de vira lata que dizem que no Brasil não é bom, que é assim, que é ruim, isso e aquilo, mas lá fora é melhor, então onde que ta todo esse ufanismo, esse patriotismo? De confiar no que o brasileiro faz? Essa ideia de patriotismo que a gente tem não me agrada, porque não estávamos ali pelo Brasil em si, a gente tava ali pelo nosso dia a dia mesmo, nem o direito de ser brasileiro mas pela nossa cidadania, sabe, e a cidadania tem que ser uma coisa que não dependa de você se sentir brasileiro, tem que ser uma coisa natural, porque você não vai pro trabalho com uniforme do Brasil, exceto em época de Copa, você não alimenta isso daquela forma... Isso trouxe a ideia de que o pessoal não entendeu

qual era a pauta... E tanto é que depois disso apareceram várias pautas que acabaram com o que tinha de proposta ali sabe, minha questão com a Bandeira era isso, ela esconde muita coisa, as pessoas fazem coisas em nome dela mas não entendem o que estão fazendo em si. O que a gente viu de 2013 pra cá é que as pessoas falam muito de Brasil, "tenho orgulho de ser brasileiro" mas as pessoas não sabem o que está acontecendo, é um patriotismo cego, me incomodava na época, hoje menos pois entendo mais do processo que ta acontecendo mas não é algo que eu veja com bons olhos assim..

**11 - Entendi, e assim, outra coisa que eu to trabalhando é a questão da mídia, né, no TCC. Então o que você achou da cobertura dos fatos por parte das mídias tradicionais?**

R: Olha foi uma coisa complicada sim, ocorreu até uma situação chata que eu falei na época que tive contato com a Lina, que era uma das meninas que participavam do MPL em SP, ela chegou a participar daquele Roda Viva em que o MPL participou em 2013, foram três integrantes e antes disso ela fez direito aqui na USP e na época que eu estava buscando conhecimentos sobre o MPL eu entrei em contato com ela e conversei com ela e queria saber mais sobre o envolvimento e tal e ela era a única pessoa do MPL em Ribeirão Preto assim... aí eu falei pra esse jornalista que eu tinha contato com ela e aí o cara foi lá e fez um dossiê da menina e postou no jornal, falei “porra, aí não né”. Então já começou por aí nesse lance desse dossiê sabe, que foi até constrangedor e pegou muito mal até lá em São Paulo assim com o pessoal e eu até assumi, falei que foi eu e tudo mais, que não tinha essa intenção, o jornalista que fez isso e ponto, saiu um pouco do meu controle. Mas a mídia foi razoável nesse sentido, fora isso, fez uma cobertura razoável, relativamente boa, só tinha essa questão que aconteceu no começo dessa entrevista, eles não conseguiram identificar exatamente e dizer, é uma dificuldade na verdade que tem sido pra todo mundo né... de não personificar o movimento. essa é uma dificuldade que o pessoal de São Paulo tinha uma estratégia muito boa, mas não aqui, de revezar quem fosse falar em público sabe? Que é exatamente pra não dar uma cara pro movimento. A gente precisa ter um determinado grupo que comunicação que vão falar em determinados momentos e que elas não representam o movimento de fato, elas estão ali só falando das pautas do movimento. Então é um cuidado que é preciso ter. Então ficou por isso, mas nós nos acertamos lá no movimento mesmo. Mas basicamente foi bem com altos e baixos, assim, sobre o movimento, as coisas que mais me marcaram nesse sentido em relação a imprensa foi o dossiê que fizeram e postaram no jornal sobre a Lina e também sobre a dificuldade de não personificar o movimento, de dizer que essa pessoa não é o movimento, mas sim uma parte do movimento, essa sempre foi uma dificuldade que eu sempre vi e acabei passando por ela em relação a mídia mesmo.

---

**Dia 09 de agosto de 2018 - Maria Rose da Conceição Delefrate, Paulo Delefrate e avó Delefrate - Família de Marcos Delefrate, morto nas manifestações de junho de 2013.**

**0’16’’ – Dona Rose, como que foi o dia em que o Marcos faleceu? Como que foi aquele dia? A senhora lembra?**

0’24’’ – Eu já tava até dormindo a hora que ligaram e, mas eu não sabia que ele tava morto. Eu sabia que ele tava... na minha cabeça eu achava que ele tinha desmaiado

e ele tava em coma. Nem sabia que o carro tinha pegado ele na, e quando ligaram do postinho e pediram pros pais comparecer, eu fui achando, no mesmo sentido que ele tava, que ele não tava morto, mas que ele tinha desmaiado, batido a cabeça em algum lugar, aí foi revoltante né? Machucou muito, machuca até hoje né?

**1’24’’ – Naquele dia vocês tiveram uma rotina normal? Ele foi pra escola, na época ele tava estudando na escola ainda né?**

1’32’’ – Ele tava de férias, da escola não, ele tava de férias do serviço e do curso que ele fazia no Senai.

**1’51’’ - E vocês sabem quais foram as motivações que levaram o Marcos a participar dos protestos?**

1’58’’ - Ele, bom ele nem ia né, mas naquele dia ele chegou, tava fazendo academia, chegou e falou ai, eu falei filho, seu telefone tocou, a mãe não atendeu, ele falou ah deve ser algum amigo meu me convidando pra ir na manifestação, aí eu falei ah Marcos, não vai mais não. Ele já havia conversado comigo e com a avó falando que não ia mais, já tinha desistido, mas depois ele falou: não mãe, eu vou de boa, você sabe que eu não fico, assim, em multidão, se chegar acontecer alguma coisa, falei cuidado com polícia, tinha polícia a cavalo né, bater nos moleques tudo, no pessoal, ele não mãe, se preocupa não, que se tiver briga, qualquer coisa, eu tô fora. E o Marcos era um menino exemplar sabe? Se fosse puxar briga pro lado dele, ele procurava cair fora, ele não era de briga, era de só conselhos, era um menino muito bom mesmo. (Avó - Ele ia fazer 19 anos em agosto, mas ele tinha uma cabeça de 30 anos.)

**3’47’’ - A senhora falou que não concordava com a ida dele pras manifestações, deu a entender isso.**

3’53’’ - É, não concordava, mas a gente nem imaginava que ia acontecer tudo isso né, e ele falava assim: mãe, tudo que tiver em relação a briga, discutir sobre futebol, religião, essas coisas de briga, ele realmente não gostava dessas coisas, entendeu? Ele era na dele. Mas ele foi como uma pessoa normal, como muitos estavam lá, foi com o pessoal da escola, sem, né, tinha professor, professora, a maioria dos amigos todos estavam lá, de outras escolas que ele conhecia, mas, aconteceu essa tragédia.

**5’08’’ - Antes dessa tragédia acontecer, a senhora achava que as manifestações políticas valiam a pena?**

5’17’’ - Ai, sei lá, eu. Hoje eu tenho pavor até na televisão. Tudo que fala em manifestação, eu tenho pavor, portanto que tentaram fazer uma manifestação assim, liberada, quando ele fez um ano, eu não quis ir, alguns alunos foram, mas não gosto de manifestação. Sabe, não gosto dessas coisas assim, política… é, ele também não gostava, a gente não entendeu o porquê, parece que é uma coisa que chama né? Ou talvez. É igual eu falei, ele só foi por causa que os alunos iam tá lá, professor, tudo, porque pelo contrário ele não ia. E outra, os professores dele eram maravilhosos, os professores. A escola Otoniel Mota sabe? Professor, alunos, nossa, eles adoravam ele. (Avó - as notas dele eram muito boa). Ele fazia, ele trabalhava na Escandinavia, veículos pesados, saía de lá correndo pra fazer o curso do Senai, passava na academia, fazia um pouquinho de aula, tomava um banho e vinha pro Otoniel Mota, não vinha nem pra casa, só chegava em onze e meia da noite. (Avó - eu ficava esperando porque o Paulo levantava de madrugada pra ir pra

empresa, eu ficava esperando ele chegar. Onze e meia, dava o barulho do ônibus ele chegava, eu ficava esperando). De segunda a sexta essa rotina. E aos finais de semana, trabalhos no computador, compromisso com a igreja porque ele tocava na igreja, era católico, frequentava o grupo de jovens. Quer dizer, não era um qualquer sabe? É, já tava bem encaminhado ele, por ter dezoito anos já tava, tinha a cabeça no lugar. Até a gente não esperava essa multidão que ia dar no velório. O velório foi feito na igreja que ele tocava aqui perto né, e eu fiquei abismada assim, tudo, cavalaria essas coisas, sabe? Velório, a sirene tocando, a polícia, tem uma coisa que a gente. (Avó - eles estavam tudo de faixa de luto né) Eu não vi muita coisa mesmo, porque eu já tava muito ruim. Eu a partir das duas horas da tarde eu já tava. A hora que ela chegou lá o corpo já tava lá no cemitério já porque quando acontece um negócio desse, a pessoa não deixa você sair "como é que você tá". É, portanto, que as ruas fecharam, não tinha como sair. Portanto que eu ia conversar com o rapaz da funerária pra ir eu e minha esposa, aí hora que eu fui olhar ele já tinha saído já. Porque saí desse povo que fica falando. (Avó - e as polícias de moto tudo acompanhando né). Fechava esquina né pro carro passar, pra as cavalarias já tava tudo no velório, no Bom Pastor né, onde ele ia ser enterrado, aí, teve um minuto de silêncio né. O cortejo dele daqui da igreja até lá foi coisa de, pra gente grande sabe? Gente importante. Ele tava lutando por uma coisa pro nosso país né? Pra melhorar né, porque… porque, dez centavos foi né? Pra baixar dez centavos da tarifa do ônibus, aí foi onde aconteceu essa fatalidade. Tava lutando por um país melhor né Paulo, porque ele estudava, entendia as coisas né? Como você estuda também, você deve estar entendendo né? Então a gente não esperava mesmo essa, essa, eu falo mesmo uma tragédia né, é abalante mesmo. Eu sei que também ele tá… (Avó - Ele derramou o sangue pela luta né?)

**10'59'' - A senhora quer um minuto dona Rose? Pra esperar…**

11'18'' - Não pode falar… é porque falar tudo, tal, a gente já tá cansado entendeu? Portanto que a gente nem marca entrevista mais nada. Igual eu te falei, só com a advogada e pronto. Porque aí a gente fala, liga a câmera e tal. Po, já foi falado tudo já, não tem mais o que falar. Aí esse ano aí a gente não deu entrevista, não deu nada. Mas eles ficaram em cima. **Vocês pensaram em mudar o número do telefone?** Não, não mudo porque tá com a advogada o número do telefone.

12'08'' - É que é um baque mesmo. Já tá tudo lá na justiça. Uma coisa eu te falo, ele tentou né, lutar, não foi sucedido. Ele era um menino que falava mãe, vó, um dia eu vou ser reconhecido nesse mundo inteiro. (Avó - Ele falava pra mim que ele chegava da escola, eu já fazia o lanche dele né, lanchinho que ele comia, aí ele ficava deitado um pouquinho na minha cama, aí ele falava assim: vó, a senhora já acabou de rezar? Eu: já. Aí um dia ele falou assim: Ah eu vou ser famoso no mundo inteiro, um dia eu vou ser famoso no mundo inteiro. Falei assim: ah você vai sim, você vai ser, vai se formar pra engenheiro, porque ele ia ser engenheiro mecânico. E como vai ser famoso no mundo inteiro? Então, não sei…) ah e duro que tem. Aparece sempre na TV. Aí quando eu, quando, quando ele foi assassinado, a gente fica pensando né, foi mesmo né? Só que infelizmente ele foi reconhecido dessa forma, pela morte né? (Avó - é, saiu no jornal estrangeiro, na capa, saiu ele) Como chama aquela moça da Globo? Ela tava a trabalho, em Milão e como repercutiu o mundo inteiro, aí ela tá com um cartaz: Marcos, a sua luta não foi em vão. Agora eu não lembro o nome dela, e ela é daqui de Ribeirão. É ela é uma atriz, ela fez uma novela de época. Camila Queiroz? Acho que é ela mesmo. Ela casou aqui em Ribeirão. Aí

no Facebook que fizeram pro meu filho, tudo, tem a foto dela, lá em Milão, e ela com o cartaz na mão.

**15’28’’ - Vocês acham que mudou alguma coisa depois das manifestações?**

15’33’’ - Mudou pra pior, mudou em nada. Nem vai mudar. Ninguém vê a cara do prefeito, nossa. Só promessa. Não muda nada. Infelizmente eu sou totalmente contra essas políticas.

**16’01’’ - E, depois de tanto tempo, vocês acham que a morte do filho de vocês deixou legado?**

16’13’’ - Ah sim, sem dúvida.

**16’17’’ - Qual o legado que vocês veem que foi deixado?**

16’23’’ - Ah do jeito dele de ser né. Ele era um menino muito bom. Porque onde chegava cumprimentava a todos, fazia amizade fácil. Não tinha racismo com ninguém, nem com preto, nem com branco. Ele era uma pessoa que ele chegava e se dava bem com todo mundo, onde ele tava já tinha amigo, amizade. Sem falar na saudade né, que é demais. Cinco anos… você vê as fotos, assim, você fica sentindo assim. Ele ficava ali no computador ali, eu no sofá, assistindo jogo, tudo, e a gente ficava trocando ideia. Aí quando eu olho pra lá… teve um dia, mais ou menos dessa semana. Antes de ele fazer o aniversário de morte, de fazer os cinco anos, eu esperei ele como se eu tivesse a noite inteira esperando ele chegar, nossa, eu não dormi naquela noite. Era esperando o Marcos chegar, foi agora, esses dias, em junho. Fez cinco anos né? Então pra mim o Marcos não tinha morrido não, ele ia chegar naquela noite. Minha cabeça ficou doidinha, piradinha. Você acha que ele tá viajando, eu sinto que ele tá viajando e ele vai voltar, e quando eu acordo em si, você sabe que não é essa realidade né. Que não vai voltar. É porque todo mundo fala que na lógica, enterrar os pais é, a mãe e o pai primeiro, mas quando você enterra um filho você fica sem chão. A pessoa conversando com você, você nem tá sabendo o que a pessoa tá falando. Sei que no dia do velório foi… foi chocante.

18’52’’ - Quando aconteceu o acidente eu já tava dormindo, que eu entrava às seis da manhã no serviço e na hora já tava no Facebook direto né. Aí passou no Jornal Nacional. (Avó - eu desliguei a televisão e fui pro quarto fazer minhas orações. Aí eu tava fazendo minha oração e tudo né, porque eu sou católica, e ele rezava o terço comigo lá no quarto. Aí eu tava rezando, quando eu, aí eu dei uma fechada de olho assim, aí ele veio até mim. Eu gritei: Marcos! Aí quando o meu telefone tocou, aí não sei quem da igreja ligou, falou assim: Marcos foi na passeata? Eu falei foi. Eu falei por que? Eu já sei o que que é. Eu já sei o que é, o Marcos morreu. O Marcos não está mais entre nós. Eu senti.) E eu e minha esposa, hora que acordou, acordou sem. Não imaginava. Aí a gente teve que ir pro hospital, pensando que ele tinha, tinha que assinar alguma coisa pra fazer uma cirurgia. É, algum termo. Não imaginava, de maneira alguma que eu ia achar meu filho morto, mas ao chegar lá também. Eu cheguei a ligar pra todos os hospitais de Ribeirão, até convênio, liguei tudo. (Avó - eu nem falei nada pros dois, fiquei só rezando, pedindo pra que Nossa Senhora tomasse conta dele né). E eu ligando no aparelho dele, no celular, e os colegas que foi junto com ele não tinham coragem de atender, aí teve um lá, um filho de Deus que pegou o telefone, aí conversou comigo. Ele me chamava de tio né? Era muita gente que ele conhecia. Aí eu peguei e falei pra ele: o que aconteceu realmente? Aí ele pegou e falou assim: a gente não pode chegar perto porque tá

pondo ele na ambulância. Ah, foi aí onde eu comecei, ligar no hospital, ligar no outro: ah chegou algum atropelamento aí? Não aqui não senhor, falavam. Aí depois de dez minutos o telefone tocou, era do PS Central, lá embaixo lá. “O senhor que é o pai do Marcos Delefrate? Sim. A esposa do senhor é Maria da Conceição Delefrate? É. Daria pra dar pra vir aqui pra gente conversar? O que ta acontecendo?”. Por telefone eles não falam. Aí eu tomei o telefone de você (do Paulo), falei com a enfermeira: “que tá acontecendo com meu filho?”, ela falou: “não, eu não posso te passar dados, mas o médico quer falar com você”, “ele, ele desmaiou né?, porque eles ligam no telefone e não atende”, “então, mas a senhora tem que vir aqui de qualquer jeito”, aí chegou o pessoal da igreja, que já tava sabendo, aí levou a gente lá, a gente desceu, aí eu vi uma loirinha com uma caneta na mão e um bloquinho desse (aponta para meu bloquinho), aí pensei comigo: “ah esse negócio não tá bom não”, (Rose: eu não vi nada, eu cheguei lá já cega), e o rapaz que deu aula de catecismo aqui, o Maurício tava lá, aí eu fiz assim: oh Maurício, o que houve realmente? Aí o olho dele já encheu de lágrima já, falou: não o médico vai conversar com vocês. Aí... Daí a pouco médico chamou os pais, aí que ele me falou que tentou fazer de tudo, traqueostomia (não tinha nada), tentou fazer de tudo mas que o Marcos tinha ido a óbito. Aí eu virei uma fera, como? como? não vou sair daqui sem ver meu filho? Não vou, quero ver ele, tudo. E a família já tava sabendo, só nós dois que não. E aí começou a chegar primos dele, o pessoal da academia, eu agoniada, eu falei pras enfermeiras: eu não bebo nem água aqui, porque sabia que eles iam me dar calmante. Paulo - ah eu sentei na cadeira, a boca secou, aí eu ficava só tomando água. Rose - eu falei que queria ver meu filho, aí eu entrei várias vezes naquela salinha onde ele, onde o corpo dele estava, entrou um monte de médico, enfermeiras comigo, pra tentar alguma coisa né, mas no fundo… e cada primo que chegava, os primos dele, e eu arrastava e levava lá pra dentro, e o pessoal da igreja falou: eles não tem parente nenhum aqui. A vó ficou em casa, o povo já tava sabendo. Eu não tava sabendo nada, então quando cheguei lá foi um choque, um choque tremendo mesmo. Inocente de tudo. Cê sabe o que é sair e você não enxergar quem tava lá? Eu parece, passou alguma coisa assim em mim, nas vistas, eu só chorava assim. Porque eu sentia que ele tava desmaiado, só desmaiado, na minha cabeça era isso. É, que ele tinha que passar por uma cirurgia na cabeça, alguma coisa assim sabe? Mas enquanto eu não entrava naquela sala por várias e várias vezes, pedia pra acender a luz porque ele não gostava do escuro, fui investigando tudo ele, entendeu? Na última vez que eu entrei, eu peguei a cabeça dele assim, não afundei a mão, mas a hora que eu passei a mão, que eu levantei a cabecinha dele, que eu passei a mão, o sangue escorria assim em mim. Aí a médica me tirou da sala que não podia entrar mais ninguém que tinha que manter fechado lá. E eu gritava. Eu conversava muito com ele também, eu tive conversa como se ele estivesse vivo, o pessoal fala hoje. Mas naquele momento eu não. Porque eu achava que estivesse brincando comigo, eu falava que era uma brincadeira, ele não tá morto, e aí eu chamava ele pra vir embora. Porque é difícil você imaginar né, uma coisa dessa. (Avó - eu achei que pela, pelo, pela tragédia que foi, que ia ser caixão fechado, ainda pensei lá no quarto comigo, vai ter urna fechada, mas aí, eu entreguei na hora pra Nossa Senhora, falei toma conta minha mãe querida, toma conta. Mas ele tava perfeito, quando cheguei lá, ele tava perfeito). Aí eu fui na delegacia pegar o laudo necroscópico dele, aí eu li do começo ao fim, por dentro dele tava tudo destruído, a cabeça, principalmente a cabeça. Eu comecei a ler aquilo lá, até parei de ler no meio do caminho porque a cena é muito forte.

***27’32’’ - 28’30’’ - Por 58 segundos, a família me pergunta como me senti ao ver o vídeo do atropelamento de seu filho. Por 58 segundos, deixei de ser a jornalista que entrevistava e fui a pessoa humana que conheceu a história de Marcos por conta de seu fim trágico. Por 58 segundos, eu me enrolei para falar e a única coisa que saiu de minha boca foi uma frase concordando com o que o pai falara: “ah, acabou com ela”. “Acaba”.***

28’28’’ - Acaba com a família inteira, inteirinha. Uma destruição. Destrói um lar. Não é fácil não. Eu, porque repercutiu tudo aí, achava que ia ser agilizado, corrido né, o negócio do cara lá, mas cinco anos e até agora nada. Até na tv mesmo. E o povo ainda continua fazendo manifestações, eu fico já na minha quietinha. Se eu vejo algum negócio de atropelamento, coisa, eu já mudo de canal, porque aquilo lá foi um baque. Você sabe que tem um busto dele né?

**29’28’’ - Sei, quando cheguei em Ribeirão, uma das primeiras vezes que eu passei ali, eu passei com a minha irmã, ela já morava aqui já fazia três anos. Ela veio pra cá em 2013. E aí eu fui perguntando depois de um tempo, pros meus colegas de classe, e aí ele me explicou que foi um estudante que foi atropelado na manifestação, e construiu um busto ali como forma de homenagem, que ali foi o local de atropelamento.**

30’26’’ - E, portanto, que o busto não tem nada a ver com ele. Não tem nada a ver. Você chegou a ver as fotos que tem lá? Eu ia abrir a boca, mas aí o advogado falou: não, vai ter gente que vai abrir por você. Fica quietinho. Os primos dele. Os primos já foram os primeiros. Mas que porcaria é essa aí? Quase um ano e sete mês pra fazer isso aí? É porque ela prometeu. Parece que ele pegou um busto já meio começado já, aí ele pegou um óculos. O olho direito diferente do esquerdo. O Valério Dias. E o cara lá fazendo propaganda: eu que fiz, é em 3D. Mandou tanta foto pra ele. Do Marcos lá pra prefeita. E esse cara não mexe com isso. Ele mexe, mas não assim. Mas pra você fazer um busto de uma pessoa tem que ser bom. Porque ele, estragou. Portanto a minha mãe teve a ideia de colocar a fotografia dele que tava no perfil de Facebook mandou fazer no azulejo né, aí colocou na frente e nas costas. Aí quem vem de lá e vem daqui, aí vê né. E ela prometeu fazer uma passarela, eu sabia que não ia fazer nada. Ah, a roubalheira que já tava né fia, naquela época já tava né, a gente nem imaginava que tava essa robalheira. Eu ia plantar umas plantas, mas tá um chão duro lá. A gente tinha uma calopsita, e ela veio com a assessora dela, ele era do Marcos, e essa calopsita chegou, olhando, olhando, cê acredita que o bicho chegou a avançar na Darcy Vera? Deu uma bicada. Ele ficou uma semana doente, tadinho, pela morte. Ele vinha aqui não via ele, é porque ele ficava aqui sentado, e ele ali ó. Ele sempre junto com a gente, um dia ele chegou, deu um certo tempo que o Marcos foi embora, ele bateu asas. E ele foi embora. E ele falava. Muitos jornalistas vieram ver ele sabe? E ele falava mamãe, papai, vovó, vem aqui. É porque o calopsita tem a língua redonda igual o papagaio, aí ele aprende a falar. Se foi o Marcos mas ficou ele, por exemplo, se ele tivesse lá agora, você chegando aqui, ele já vinha te ver, ele ficava preocupado. Ele ficou doente, a gente preocupado, e ele via a gente chorar. Mas você sabe que eu vejo espécie, igualzinho, e não tenho coragem de pegar e ensinar de novo. Porque, sei lá, acho que se foram os meus bens, que era o Marcos e ele, foi-se embora, nossa, eu fiquei agoniada, eu chorava, eu corria essas ruas tudo atrás dele. Fiquei só com o canarinho, esse que você tá ouvindo, ele tá ouvindo minha voz e ele fica doidinho.

***34’57’’ - 35’47’’ - não consegui fazer a pergunta, mesmo dona Rose me incentivando. A emoção estava forte demais e eu queria me controlar para não começar a chorar na frente deles.***

35’48’’ - Paulo - e olha que a médica me falou: você vai ter que precisar tomar um remedinho. Eu falei: não doutora, eu supero sozinho. Rose: eu vivo a base de medicação também, eu já tomava antes, aumentou um pouco mais. Paulo: eu voltei na médica tudo pra saber os resultados dos exames, aí ela já pegou e falou ó não te falei que você precisava? Sozinho você não consegue, você tem que ter ajuda, senão… Avó: ele falou pra mim, ele entrou em depressão, daquele choque né. Rose: é, ele caiu mais, eu já fiquei assim, mais… como eu já tomava medicação, como eu já conhecia vários casos de pessoas que perderam familiares, tudo, eu, eu choro sim, mas eu fui mais assim, relevante. Igual a advogada falou: nossa, eu pensei que você ia cair né. Ele caiu mais. Paulo: é, eu pensei que ia superar o trauma, mas… Rose: eu penso tudo, às vezes me dá aquela coisa que ele tá pra chegar, mas depois eu penso é tudo uma ilusão é só ilusão da minha cabeça, aí bola pra frente, continuo. Paulo: Portanto que eu agradeci a Deus por ele ter ficado com a gente esses dezoito anos que ele foi maravilhoso, era comunicativo, conversava bastante. Rose: tirou muitas meninas das perdições de droga, rapazes do Otoniel Mota mesmo. Avó: é que iam oferecer pra ele, e como iam oferecer, ele ia conversando, conversando, e a pessoa saindo. Moça... ele falava pra mim: vó, cada mocinha bonita… Paulo: quer dizer, esse mundo aqui não é pra ele não. Porque esse mundo que a gente vive aqui é um lixo. Rose: mas se bem que ele recuperava um, recuperava outro, que ameaçava matar o pai com a própria arma. Você via ele a noite inteira, mas pelo computador às vezes a noite, você só acordava com o Marcos aconselhando. A casa da gente vivia mais cheia de final de semana, os amigos dele. Sabe quando você pega amizade com as pessoas e vem avançando os estudos… E inclusive, estavam com ele nas manifestações.

39’57’’ - E a hora que o moço entregou o álbum de fotografia pra gente do terceiro colegial, que ele terminaria naquele ano. A empresa doou pra gente. Olha como Deus faz as coisas, já tinha feito todas as fotos, o álbum estava pronto, um dia o homem veio aqui e falou assim: pai, mãe, vó, tudo, é, não é o primeiro que eu entrego. Já são várias pessoas que vou entregar o álbum e a moça ou o rapaz já faleceu, como aconteceu comigo. O filho de vocês eu tô entregando o álbum, não vou cobrar nada. A empresa pegou e doou pra gente, aí a gente ganhou o pôster grande. Na colação de grau não tinha jeito, você via gente pegando o diploma e eu olhando pra foto dele. Teve uma homenagem, um dos alunos fez uma homenagem pra ele. E meu cunhado não quis ficar, e viemos embora. Depois teve homenagem do SENAI, aí veio o Skaf e homenageou. Aí a gente foi chamado lá na frente, os três, e também foi um dia, vish... não sei te contar, parecia que a gente tava vivendo tudo aquilo novamente.

42’32’’ - Paulo: portanto se ele for a júri popular, eu nem vou. Rose: mas eu vou.

**42’40’’ - Vocês não viram o atropelador até hoje?**

42’44’ - Não, pessoalmente assim não. Só por televisão, foto…

[...]

42’58’’ - Rose: se for pra ir, eu vou. Nem que eu chore, nem que eu derrame lágrima, mas eu vou. Eu quero assistir tudo. Eu não vou ficar quieta assim, eu quero ir. Eu

não vou ficar dentro de casa esperando. Que dure seis horas, dure o tempo que for, mas eu vou ficar lá. Paulo: Porque a juíza falou, pegou a juíza pior que tem lá do fórum lá, promotor também é ruim também. Aí ela conversando com a advogada nossa que tá no caso, pegou e falou: ó, cem anos pra ele é pouco. Entendeu? E uma tragédia dessa aí, se fosse em outro país, era prisão perpétua ou pena de morte. Pelo menos no Brasil devia ter né, prisão perpétua.

44’51’’ - Rose: Ele fala que se arrepende… da minha parte eu perdoei, perdoei. E se precisar ficar cara a cara com ele, eu vou ficar, não tenho medo. Paulo: E naquela época lá a filha dele passou um mau bocado né? Entrava na escola, apanhava, puxava o cabelo da menina, sendo que, o que a menina tem, a menina tem nada a ver… Rose: eu cheguei a pedir nas rádios pra não fazer nada com ela, mas, é assim né, o povo revoltou. Qual que é a última?

**45’37’’ - Como vocês se encontram hoje? É… emocionalmente dá pra ver que… ainda estão bem abalados. Mas vocês conseguiram continuar a vida, por exemplo, profissional, continuar trabalhando…**

45’57’’ - Rose: eu sim, ele não. Eu trabalho, eu passo roupa nas casas. Tem duas casas que eu trabalho por semana e eu pinto meus livros de terapia, sou uma pessoa muito caseira, não sou de sair, sou mais dentro de casa. E assim, a presença do Marcos tá sempre comigo, em qualquer lugar que eu esteja, é como se ele estivesse comigo. Mas não sou espírita não, é que me sinto assim, acho que mãe, quando perde um filho, ainda mais seu único filho, é assim mesmo. Eu sou brincalhona, sorridente, mas ninguém sabe a dor que eu sinto. Eu estou sorrindo pra você, mas lá por dentro, a dor continua. E muita gente olha pra mim e fala: nossa, cê tá bem. Avó: no começo, eu ia pra tudo quanto é igreja, eu falei assim, vou procurar Jesus porque ele é minha força e meu tudo. Ia quase todo dia na igreja, eu fiquei em pé mesmo com a força de Deus. Paulo: E nós já tava planejando pra, porque ele queria conhecer Aparecida do Norte, aí nós já tava até planejando sobre isso. Mas aí ocorreu esse fato aí, essa tragédia. Rose: eu não fui mais nas igrejas, fui até um certo tempo, depois não fui mais, mas também não mudo de religião, fico na minha, não critico nada. Agora sobre esse negócio de passeata é terrível, até quando esses caminhoneiros começaram a parar, aquilo lá já me… só que eu faço uma coisa, vou fazendo outra…, mas qualquer tipo de manifestação.

**48’57’’ - O senhor falou da viagem pra Aparecida, vocês chegaram a ir depois ou...**

49’02’’ - Rose: eu fui. Paulo: a Rose foi, eu não fui.

***49’10’’ - Pergunto sobre a tatuagem no ombro direito que o senhor Paulo tem da foto do filho que estampou capas de jornais e memoriais em homenagem ao Marcos. A família começa a me contar sobre como Marcos era, queria namorar...***

50’30’’ - Paulo: o atropelamento do jeito que foi. Vai que ele sobrevive… porque o negócio dele era ser engenheiro mecânico. Não pai, vou ralar muito, estudar, vou trabalhar, tudo, me formar, aí o senhor pode ficar em casa tranquilo, que eu que vou manter a… Rose: ia comprar uma casa, com o tempo, ia sustentar a vó, o pai e a mãe. Que era nós quatro, sempre foi. Mesmo moção assim, dormia comigo, na cama lá, no mesmo quarto, que nessa casa são dois quartos. Tem hora que eu falo, ah, Deus sabe o que faz também.

51’29’’ - Paulo: Vish, quando chegou lá no postinho de saúde, eu não tive coragem de ir ver, que foi a Rose que foi. Os parentes iam chegando, a Rose ia puxando vem cá ver o Marcos. Aí eu sentado numa sala lá, aí veio um PM, perguntou o nome da rua aqui tal, a gente já pegou ele, ele tá dando depoimento lá na delegacia, isso pra dar uma acalmada em mim, e era tudo mentira.

52’12’’ - Rose: e eu sonhando que ele tava numa chácara. Eu sonhava aonde que ele estava, só que eu não sabia decifrar, na minha cabeça eu falava pra tudo eles, era uma chácara. Paulo: E, portanto, era uma chácara. Rose: e era uma chácara mesmo. Paulo: inclusive o dono lá tá respondendo por isso, de esconder… Rose: de omitir um homicídio né? Mas ele não teve reação nenhuma a hora que a polícia chegou lá pra pegar né.

55’18’’ - Avó: quando aconteceu a tragédia lá, Santa Catarina, lá no sul. A da boate. Ele mandava mensagem pras mães… Rose: mãe, eu vou mandar mensagem praquele pessoal lá. Manda filho, porque conforta aquelas mães que perderam tudo os filhos. Ele não se conformava com o que tinha acontecido. E no dele também, foi uma coisa assim né, que percorreu, tinha mensagem…

---

**Dia 17 de agosto de 2018 – Jonas Paschoalick - participante do movimento organizador das manifestações de junho de 2013.**

**4’05’’ - Você era de qual movimento? Ou você é?**

4’12’’ - Então, na época a gente tava, na época não tinha um movimento, não tinha um movimento na verdade. Eu era colaborador do Memorial da Classe Operária, que é uma associação, o Memorial da Classe Operária ela é uma associação e ela tem como um dos objetivos a questão do fomento da cidadania, a busca da cidadania, os direitos políticos, luta, educação, cultura, ela é construída numa sede, não sei se você conhece, a UGT. A UGT ela foi uma sede construída em 1934 pra ser um suporte sindical, na época, para os trabalhadores, e ela promoveu várias lutas e disputas políticas aqui em Ribeirão Preto né, a partir dessa sede, que é na baixada, na José Bonifácio, e, na ditadura ela foi desviada um pouco da função, da questão política pelo comunismo e tudo o mais, e ficou mais na mão do movimento negro, o movimento negro teve uma movimentação importante e lá foi importante pro movimento negro também, porque na ditadura militar os esquerdistas, quem tava ligado à esquerda teve que se refugiar, se esconder. Então essas atividades ficaram um pouco paradas na UGT e o movimento negro tomou mais corpo porque a ditadura aceitava mais né as pautas, reivindicações do que a esquerda, então durante a ditadura ficou na mão do movimento negro, pós ditadura o prédio, ele, os movimentos que ali dentro estavam, estavam um pouco enfraquecidos, o prédio ficou meio abandonado, ele foi retomado em 2004, num processo com a justiça de uma multa que derrubou um patrimônio, e teve que reformular um imóvel histórico, antigo, foi escolhido lá a UGT, e a UGT foi criada uma associação, Associação dos Amigos do Memorial da Classe Operária, pra preservar a história do espaço e pra promover também o espaço pra promoção de disputas políticas e também dar suporte pra outros movimentos. Eu era colaborador do Memorial da Classe Operária na época, e lá dentro girava em torno daquele, do espaço, ali se movimentavam vários, se organizavam vários movimentos, então ali você tinha, teve o Panelaço de 2012 ali que era contra o aumento de salário dos vereadores daqui de Ribeirão Preto, que eu acho que foi um, o que convergiu até no tamanho que foi a de 2013

também, foi que iniciou em 2012, foi quando começou o Panelaço, a gente começou a ir na Câmara, na Câmara, e começou a ficar uma situação, era época de eleição, aí começou a ficar uma situação muito insustentável né, a mídia dando muita cobertura porque era direção e tudo mais, pro estardalhaço que fizemos na Câmara, os políticos ficando meio recuados, tanto que eles voltaram atrás no aumento de salário deles, voltaram atrás, desistiram e tudo o mais, mas eles foram reeleitos e tudo mais, mas foi uma estratégia política. Só que a partir dessa movimentação contra o aumento dos salários, que é uma pauta até um pouco conservadora, se você pensar as pautas de esquerda, mas a partir disso começou, avolumou uma quantidade de gente em torno do Memorial muito grande, uma quantidade de movimentos e uma, um volume político e ações políticas muito maior, aí a gente fez também o Se Vira Ribeirão, que foi a junção desse movimento esfera política com o movimento pró arena, que era pela reforma do Arena, que era de cunho mais cultural, embolou tudo na época, saiu a virada cultural independente, que era o Se Vira Ribeirão aqui, a gente fez quatro anos seguidos, e nesses processos, ia se acumulando muita gente em torno do Memorial. Então quando em 2013 você teve o aumento das passagens em Ribeirão e você tinha aquele contexto já em São Paulo do Passe Livre. Em 2013 a gente tentou aproveitar essa aglutinação de pessoas e tudo mais pra fundar o passe livre em Ribeirão Preto, entendeu? Mas não era o Passe Livre que tava a frente da manifestação. Era um grupo de pessoas. Não tinha um movimento certo, era sempre, várias pessoas, um grupo de pessoas. A gente queria montar a discussão do Passe Livre, queria fundar o Movimento Passe Livre aqui também, mas o MPL ele é federalizado, ele tem uma série de caminhos a se tomar pra se integrar ao movimento, e a gente não tinha percorrido tudo isso ainda. A gente tinha só aproveitado a pauta e chamado as primeiras reuniões. Então no início, você tinha esse conglomerado de gente, de movimento, partidos, mas muita coisa, mas assim, em torno ali, principalmente do Memorial da Classe Operária, que era onde vários movimentos se organizavam ali. E a partir dali a gente puxava algumas reuniões, a partir do que se conversava ali, a gente puxava as reuniões sempre pra rua porque era pra ser a característica do movimento né, as reuniões na rua. A gente fez uma primeira reunião, mais tímida, pra discutir o aumento das passagens que foi lá no Calçadão, no coreto do Calçadão, e eu acho que nessa primeira reunião, a gente tinha quarenta e pouco pessoas, assim nessa primeira reunião. E aí nessa reunião a gente conversou, conversou o que seria, o que a gente queria fazer e focar no preço da, no valor do transporte, no valor das passagens e aí que a gente, vamo chamar um ato aberto, uma reunião, pra discutir mesmo o que seria a organização da primeira manifestação. A gente chamou a primeira reunião pra esplanada do Pedro II, e eu não lembro que dia que era, mas acho que era uma semana antes da manifestação, acho que foi uma semana ou duas semanas antes da manifestação. A gente chamou essa reunião pra esplanada do Theatro Pedro II e nessa reunião já foi mais de mil pessoas. Foi uma reunião de muito difícil de ser realizada, ela demorou mais ou menos umas seis horas ali no centro, e muita gente querendo falar, e existia uma confusão de pauta, uma confusão de reivindicação, é, cada um queria falar um tanto e tudo, e tinha muita gente de partido político, outros grupos, outros movimentos, mas foi muita gente lá. E teve algumas confusões também né, em relação a essa participação de partidos ou não dentro da manifestação, então foi bem truncado, mas aí a gente tirou a próxima manifestação assim, qual seria, que seria esse grande ato aí.

**12’31’’ - As reivindicações então, por parte do grupo que tava montando a manifestação, são apenas ao valor do transporte?**

12’41’’ - É, era o valor do transporte, mas a mobilidade. A mobilidade urbana. O nosso ponto, é um ponto que a gente discutia antes e se discute até hoje, é a questão da cidade democrática. O que é uma cidade democrática? Uma cidade democrática é que, aquela que democratiza sua mobilidade, porque a gente tem, hoje, cada vez mais Ribeirão crescendo, crescendo pelos lados, é, tem um conjunto de periferia muito afastado, onde os jovens raramente vêm ao centro, se já vieram. Eu fui professor quatro anos, e eu conheço crianças que nunca viera pro centro da cidade, crianças de dez anos que não vieram pro centro de Ribeirão Preto ainda, então você fica naquela. Outras cidades dentro de uma cidade. Então tinha essa discussão, a mobilidade urbana, a cidade democrática depende da mobilidade do município, a mobilidade do município depende do acesso né, ao transporte, e essa era a discussão que a gente fazia. Essa era pra ser a pauta principal da manifestação, o que não aconteceu porque ela tomou um vulto muito grande né, acho que empurrado pela mídia também, assim, de tudo o que tava acontecendo nas outras cidades, aqui em Ribeirão tomou um vulto gigantesco também, que eu não sei nem quantas… mil pessoas foram pra rua. Mas aí a manifestação as pautas eram diversas né, inclusive grupos de esquerda com grupos de direita, é, correlacionando…

**14’29’’ - Como que era essa interação entre os grupos? Considerando que eles são distintos.**

14’35’’ - Ainda não havia gerado a cisão né, a cisão que aconteceu após 2014 ainda, após 2013/2014 houve uma cisão, aí os grupos caminharam pra esquerda e pra direita e aí você tem as manifestações ah contra corrupção, pró impeachment, e as outras, e a esquerda tentando construir uma pauta que fosse popular, o que não acho que conseguiu, acho que ficou muito preso só em favor do não impeachment, não conseguiu construiu uma pauta popular que agregasse as pessoas. E a luta contra a corrupção ela agregou as pessoas. Nesse momento em 2013, ela ainda não tinha essa cisão, entendeu? Então todo mundo tava ali pra rua, na rua, tava indignado, gritando suas pautas, de que falta isso, falta aquilo, é segurança, saúde e educação eram, são as principais cobranças né, o carro-chefe, mas os grupos de esquerda, eles conseguiam enxergar que se tinham essa confusão dentro dessa manifestação. Tanto que a gente, depois dessa manifestação, a gente sentou, a gente tirou, tentou tirar uma reunião convidando vários grupos de esquerda de Ribeirão Preto pra fazer uma reunião pra gente conversar sobre como a gente conseguiria, é, influenciar aquela manifestação de uma forma que não fosse pro rumo que foi né... Se você pensar os rumos que as manifestações tomaram em 2013, foi a volta do moralismo, conservadorismo, em torno da ideia da política, que a gente vê as consequências até hoje né. Cinco anos depois a gente tem uma consequência de falar sobre corrupção da forma errada, demasiadamente errada, de construir a ideia do PT como a praga que instaurou a corrupção no Brasil e que esquerda e direita, agora a ideia contra o comunismo voltou né, agora o comunismo voltou a ser o fantasma que tá assombrando o direito das pessoas então, isso tudo aconteceu naquele momento ali, em 2013, e tava acontecendo em todas as cidades e em Ribeirão também. Até então tava tudo misturado, mas essas pautas é, o valor moral, a gente já sentia naquelas manifestações, tanto que a gente tentou de toda forma, é, tentar influenciar, tentar construir a pauta, tentar colocar, mas… era muita gente, muito difícil, já não daria mais assim.

**17’17’’ - Como que foi organizar a manifestação aqui em Ribeirão?**

17’23’’ - Ó, eu, hoje eu penso muitas coisas assim que a gente fez errado, entendeu? Até porque a gente não é dono de manifestação né, mas a gente se sente responsável. Quando a gente, ah, chamou a manifestação, a gente chegou na frente do Pedro II, e começou a chegar gente, chegar gente, chegar gente de tudo quanto é lugar, sem parar, entendeu? Aí você começa a ficar assustado, você começa a ficar com medo do rumo que aquilo toma, entendeu? O rumo que tomou, pra morte do Delefrate, foi uma coisa que não tava combinado na manifestação. Na reunião que tinha muita gente, algumas pessoas queriam levar a manifestação pra Fiúsa, entendeu? Ah, vamo pra Fiúsa. O que foi tirado na reunião, foi que a manifestação não ia pra Fiúsa, porque a gente falou assim, mano, não tem sentido você levar a manifestação pra Fiúsa, aí a pessoa falou assim, ah levar pra Fiúsa porque lá só tem burguês. Eu falei assim, mas mano, não tem sentido. A manifestação ela ia descer pra Câmara, entendeu? Não tem sentido você ir pra Fiúsa, não é a provocação que tá se querendo. Não é na Fiúsa que a gente tá querendo fazer a manifestação. Você iria até a Nove de Julho, porque a ideia de manifestação é você parar a cidade mesmo, você vai do centro até a principal avenida, que era a Nove de Julho, da Nove de Julho a gente desceria pra câmara dos vereadores. Ir pra Fiúsa foi um descontrole, entendeu? Pessoas na hora, que tavam na Nove de Julho, chamaram, chamaram pra Fiúsa, as pessoas continuaram subindo pra Fiúsa, e aí, é, na hora que elas foram pra Fiúsa, as pessoas estão inflamadas no meio da manifestação, e elas, e elas paravam carro, vi pessoas subindo em cima de carro, algumas coisas complicadas, e lá, e você sempre tentando conturbar. Então é uma… na hora você fala assim, não tenho responsabilidades, por exemplo, é uma coisa que eu pensei depois. Pensei é uma coisa que podia ter deixado acontecer, é, queriam invadir a prefeitura, queriam ocupar a prefeitura, mas você sente responsabilizado um pouco das coisas que acontecem, e sabe, tipo assim, as pessoas às vezes agem por impulso, e não sabem as consequências que vêm dos atos né. E aí você sabe, você tá ali, tá organizando a coisa toda, você sabe quais são as consequências, você fica fora ali de correr algum risco, de ser preso, é raro a polícia fazer qualquer coisa, você tem que se proteger do jeito que dá, pra que alguma acusação não caia em cima de você, mas a população geral não. Então eles queriam ocupar a prefeitura, destruir, acabar com a prefeitura. Talvez tivesse sido, é, mais interessante pro movimento, a ocupação da prefeitura do que ter continuado. Mas na hora a gente contornou do jeito que deu, as poucas pessoas que a gente tinha pra ficar na contenção, a gente contornou do jeito que deu pra que as pessoas seguissem o rumo da Nove de Julho né. Às vezes, o que às vezes a gente pensa, poderia ter deixado, às vezes era melhor ter deixado. A gente fez o acampamento na prefeitura também, e a hora que a coisa no acampamento ficou muito crítica, a gente resolveu tirar o acampamento também, porque tava fácil. A gente ficou duas semanas lá na frente, a madrugada era muito difícil, entendeu? No acampamento. Porque o acampamento, aglomerou todo o resultado da miséria de Ribeirão. Então você tinha morador de rua, cê tinha mendigo, cê tinha um monte de gente lá, crack, pedra, era complicado. Não que eu ache. A gente fez uma discussão lá na prefeitura, falando ah, essas coisas tão acontecendo. Eu falei: não, essas coisas já acontecem. Mas acontecem lá na baixada da praça Schimit. Acontece que a resistência do acampamento aqui, trouxe essas coisas pra cá. Você tinha muito mendigo, cê tinha muito usuário de droga, você tinha muita gente bebendo muito e você teve ameaças, teve uma lá que quase deu facada nos outros lá, então começou a ficar pesado e a gente resolveu tirar o acampamento, mas as pessoas não queriam sair, entendeu? Mas a gente sabia que

cê a gente saísse e deixasse o acampamento do jeito que tava, podia dar alguma coisa ruim, entendeu? Não sei se daria ou não, então a gente insistiu pras pessoas saírem, mas talvez a gente não precisaria ter insistido, talvez essa não fosse nossa função né? E o acampamento saiu da prefeitura. Mas organizar, a organização daquela, voltando pra pergunta, daquela manifestação, ela foi tipo assim, um aprendizado muito grande pra muitas coisas, porque foi muito difícil, foi um vulto muito grande de pessoas, foi um conflito muito grande entre grupos, entendeu? Porque grupos se separaram ali, de esquerda mesmo, conflitos surgiram em torno de várias coisas que eu acho muito preciosismo hoje, como eu tava te falando, a gente, após aquela manifestação gigantesca, a gente fez uma reunião no Memorial da Classe Operária com vários grupos de esquerda, muitos participando, pra gente conseguir ter um jeito de influenciar as manifestações. Daquela reunião na verdade não saiu nada, só saiu divisão, entendeu, em que as manifestações, em que os outros grupos começaram a chamar outras manifestações pro mesmo horário das próximas manifestações. Não chegamos num acordo, na verdade só aprofundou a crise que a esquerda vive por várias questões que ela tem de crise e dificultou o trabalho, entendeu? Aí a gente fez a segunda manifestação, na verdade, a gente desceu pra câmara, aí foi com menos gente, mas tinha bastante gente, e aí a gente, aí cê vai aprendendo as coisas no caminho né. Primeiro, como organizar assembleias de milhares de pessoas né, pra discutir coisas, e tentar ser da forma mais democrática possível, que a gente tenta usar. E segundo, que a gente percebe que a manifestação de rua em Ribeirão Preto, pelo menos foi uma coisa que a gente foi discutindo, ela não tem a efetividade que tem em São Paulo. A galera foi pra rua esperando conflito com a polícia, loucura, tem o conflito direto, e em Ribeirão esse conflito não constrói, porque você fechar a Paulista é uma coisa, entendeu? Você, em Ribeirão Preto você não fecha a rua porque todas as ruas ela tem escape, ela tem saída, então conforme a gente ocupava uma rua, os carros desviavam por outra, então você fica andando na rua… e depois, na terceira manifestação ninguém tá te olhando mais. Entendeu? Terceira manifestação ninguém te olha mais. Foi por isso que a gente, é, teve a ideia do acampamento, pra, nossa, chamar a atenção, porque a primeira manifestação chamou a atenção, foi gigantesca, a segunda foi um pouco menor, a gente desceu pra Câmara, na segunda já não tinha nem metade das pessoas né, foi um pouco menor. A terceira, pra terceira a gente falou assim, ó, não vai adiantar, é fazer manifestação de rua. Na terceira a gente combinou com um grupo de pessoas, a gente já levaria as barracas, entendeu, e na terceira a gente iria pra prefeitura e falaria: não, agora a gente vai acampar aqui, tá, e a gente fez isso. Muita gente na prefeitura, e não, agora a gente vai acampar e não vai sair daqui, até que não se tenha um, um, uma determinação por parte da prefeitura. E aí a gente acampou lá e muita gente ficou, ficou e acampou junto também. Então acho assim: a organização, você nunca tá esperado, você nunca sabe o que esperar e tá pronto pra uma organização de uma manifestação gigantesca como essa, mas você vai aprendendo a bolar as estratégias e aprendendo como você, é, como você, é, vai fazer essa guerra de posição em relação ao poder público. A morte do Delefrate foi muito pesada, tanto pra manifestação quanto pra prefeitura, entendeu? Pegou muito mal. Então a partir disso a prefeitura precisou dar um jeito, ela resolveu dar um jeito. E as manifestações, elas iam minguar se a gente não parasse no acampamento, dali a pouco a gente ia voltar a fazer manifestação com cem, duzentas pessoas, que é o que acontece em Ribeirão sempre quando alguém vai fazer uma manifestação, é com cem, duzentas pessoas. Essas manifestações a gente discute muito aqui em Ribeirão, elas não têm muito valor, e aí você vai aprendendo como construir essas

estratégias, o acampamento foi uma estratégia dessas. Só que a primeira ideia não era o acampamento, a primeira ideia era ocupar a prefeitura de fato. Só que, essa era minha ideia, eu já tava mais incisivo na hora, mais radical, só que a gente perdeu essa ideia na reunião. Porque era sempre assim, era uma reunião de organização, antes da manifestação, a gente sempre tinha uma reunião de organização da manifestação. A gente conversou meio que em sigilo pra ver essa ocupação, porque ocupação não podia ser, ocupação e acampamento não podiam ser divulgados, e a ideia era que enquanto a manifestação se organizava, um grupo de pessoas já ia se direcionar pra prefeitura pra não deixar eles fecharem a prefeitura, fecha seis horas, e aí a hora que eles conseguissem entrar a gente ia arrastando a manifestação, a gente ia ocupar a prefeitura e ia ser uma bagunça, mas eu acho que ia ser bom, mas essa estratégia perdeu, pessoal ficou com medo. Sempre é aquilo que eu falo, a gente acaba ficando com medo do que pode vir a acontecer né, nem tanto com a gente, porque a gente tá, tem mais experiência, mas com outras pessoas, porque no meio das manifestações tinha muita pessoa indignada, muita pessoa que nunca participou, tinha muita pessoa a fim de causar alguma coisa grave mesmo entendeu? Tinha pessoas que tavam, a sugestão de botar fogo em ônibus era muito, sempre teve. Em Ribeirão Preto tinha uma galera que queria botar fogo em ônibus. Eles falavam ah, vamo botar fogo em ônibus, eu falo: gente, é diferente São Paulo de Ribeirão Preto, quando a Paulista tá fechada não chega polícia, não chega viatura, não chega nada. Complicado chegar. Você vai botar fogo em ônibus, e se alguém for preso, você vai conseguir tirar essa pessoa da cadeia depois? Não vai mano, entendeu? Não pode sair botando fogo em ônibus. Em São Paulo eles tão botando fogo em ônibus porque uma multidão de, aqui foram 24 mil na primeira, mas em São Paulo era um milhão, entendeu? Uma multidão de gente que impede de chegar polícia, impede de chegar um monte de coisa aí a galera tomou essas decisões né, o movimento que toma essas decisões, nem todos, mas um grupo. Mas aqui, falava assim, cês querem botar fogo em ônibus? Cês tem que saber que vão ser preso e a população não vai conseguir te respaldar. É pouca gente. Em algumas milhares de pessoas uma viatura vara e te pega. Mas tinha essas propostas. Aí a proposta da ocupação da prefeitura tiveram um pouco de medo por causa disso, não sabia que as pessoas podiam fazer lá dentro, ia ser preso por depredação e tudo o mais, tive que tomar um pouco de cuidado, esses cuidados pra que outra pessoa que não tá dentro da organização direto, porque tipo assim, você tem ah, algumas pessoas dentro da organização direto, tão acostumados a, cê tem outras pessoas que tão indignados querendo destruir tudo, entendeu? Você sabe o que tem que fazer pra não ser preso, as outras não sabem, então a gente ficava um pouco com medo do que poderia sobrar pra outras pessoas se a gente não conseguisse segurar as outras pessoas. Então a ocupação da prefeitura foi deixado de lado e decidiu-se pelo acampamento mesmo, a gente acamparia e ficaria lá no acampamento. E o acampamento foi uma experiência muito, legal assim, porque foi muito solidário assim, a resposta da população, pra gente ficar lá. A gente ficou duas semanas lá e dormindo lá, arranjando um monte de problema mas a gente teve muita atividade lá, realizou vários debates lá, a gente fez contato com vários grupos, a gente realizou sessões pra acalmar aquele problema da madrugada que eu falei pra você, a gente começou a realizar atividades de madrugada ali, sessões de cinema, debates de madrugada também, algumas ações, tentava realizar pra tentar conter o ânimo da galera, mas tava indo tranquilo, mas foi ficando pesado. Mas teve muita coisa legal demais no acampamento, surgiu muita gente, muita gente jovem, que depois continuou pra outros movimentos. E a gente

ficou lá, a gente saiu, na verdade, a prefeitura ela abaixou o, ela tinha aumentado em dez centavos, do transporte né, dos vinte centavos se eu não me engano, já era um preço caro, tinha aumentado um pouco, aí ela abaixou pro valor do transporte mas ela abaixou não inferindo sobre o lucro das empresas, ela abaixou como subsídio de um imposto, uma coisa assim, e aí a gente não aceitou, daí a gente continuou lá, ó o que aconteceu com o Delefrate, aí depois a gente foi, a prefeitura falou não, vou abaixar e tudo mais, e aí a gente não aceitou, a gente falou não quero o imposto, não quero que vocês subsidiem os vinte centavos por um imposto, entendeu? Tem que ser no lucro da empresa. Nisso a gente tinha feito contato com a USP, com a FEA da USP, com um professor, não consigo lembrar o nome dele agora, ele que ensinou a gente, mostrou pra gente os cálculos da empresa de ônibus [...]. Aí ele nos mostrou como era o cálculo, como era feito, porque que as empresas de transporte tava toda errada, entendeu? O que a empresa de transporte não tava cumprindo no projeto, o que a prefeitura tava deixando a empresa de transporte não fazer, e porque aquilo era um trem ilegal, então ele nos municiou de argumentos e conteúdos pra gente… foi até no Ministério Público né, mas não teve resolução. Na prefeitura, o que aconteceu lá, no acampamento, que foi aí que começou a dar uma caída assim no movimento, que perdeu a força em Ribeirão Preto, porque a gente ficou no acampamento porque a gente já tava sem força de população na rua, quando o acampamento começou a ficar difícil de gerir, entendeu, algumas pessoas já tavam querendo sair, não tava querendo ficar mais, duas semanas dormindo na rua, complicado, a hora que a coisa tava difícil de gerir, a gente, a prefeitura fez uma proposta de um Conselho municipal de mobilidade urbana que seria feito do jeito que a gente quisesse, entendeu? Era pra gente entregar pra prefeitura o modelo de conselho municipal de mobilidade urbana que ia tá responsável por fiscalizar esses contratos com as empresas e tudo o mais e pra gente entregar um modelo pra gente conversar e tudo o mais, e a gente aceitou esse, essa proposta, a gente saiu da prefeitura com proposta de construir o conselho, só que aí dentro do movimento, tinham pessoas que, porque aí já entra aquele negócio né, qual que é o … ideológico que cada um leva né. O Passe Livre de São Paulo o viés dele é mais anarquista, entendeu? Ele é organizado de forma federativa mas ele é de viés mais anarquista, e aí a gente já tinha alguns integrantes aqui que eles já estavam em contato direto com o Passe Livre de São Paulo e eles não aceitaram, eles falaram assim, não não, isso aí não tem nada a ver, um conselho de... hoje até eles concordam que devia ser importante, que devia ter continuado, mas na época eles tavam acreditando em continuar um trabalho como o Passe Livre fazia em São Paulo com a massa, mobilização das massas, num sei o que, esse viés, um viés mais anarquista, aí esse outro viés que seria institucional, era de uma esquerda e era um outro problema dentro da esquerda que é essa briga entre anarquistas e comunistas. Anarquistas eles têm essa, alguns né, tem essa perspectiva de não dialogar com o governo, dialoga com a instituição, não vale a pena. E tinha alguns que tavam pensando assim, esses alguns eram os que tinham se aproximado muito do movimento em São Paulo, e eles falavam que isso não interessa. A gente teve reuniões e não interessa, a gente quer reformular o passe livre e começar de novo. E aí parou ali, entendeu? Aí eles pararam um pouco com tudo, fizeram uma reunião entre eles e o Movimento Passe Livre de São Paulo pra reformular o Passe Livre e começar de novo o Passe Livre. Só que na hora que eles voltaram de novo com o passe livre já integrado a federação, já não tinha mais a força da população. Aí é um trabalho que você começa do zero novamente e tudo o mais, e aí não conseguiu engrenar mais assim em Ribeirão Preto. Como os outros

movimentos, como se divergiu muito as opiniões, outros movimentos todo mundo partiu pra outras pautas pra dar reforço e suporte pra outras pautas, outros níveis né, a gente particularmente ali depois teve uma importância muito grande na questão dos professores.

**38’59’’ - Teve algum episódio de violência contra a população em 2013?**

39’05’’ - Não, a única, o único episódio foi com o Delefrate mesmo. Foi complicado porque é isso né, eles foram pra Fiúsa, o cara do carro, o motorista lá, com histórico de intolerância e violência era grande, entendeu, e aí a molecada lá não vai passar, não vai passar e ele falava vou passar, vou passar, se irritou e passou.

**39’37’’ - Você já tava ali quando aconteceu o acidente ou você parou ali na Nove?**

39’42’’ - Não porque eu continuei pra Câmara. Dividiu em três grupos. Um grupo foi pra Presidente, pra Fiúsa, a gente foi pra Independência, e a hora que chegou na, porque a ideia era a seguinte, a gente ia pela Independência, continuava até a Nove de Julho e descia a Fiúsa pra Caramuru que já o caminho da Câmara dos vereadores. Eu fui pra Câmara como tinha sido acordado, mas um outro grupo ficou, foi pra Fiúsa e ficou lá. E aí que a hora que a gente tava chegando na Câmara que a gente ouviu dizer que morreu alguém. Ainda falei, como morreu alguém? Atropelaram alguém. Quando a gente chegou na Câmara veio a notícia, o menino foi atropelado com o carro lá na Fiúsa e… ficamos sabendo por rádio e celular. Rádio e o povo ligando do celular, porque tinha muita gente cobrindo as manifestações né, a mídia tava em peso cobrindo.

**41’09’’ - Com relação à cobertura da mídia, o que você achou?**

41’16’’ - Olha, a mídia ela sempre cobre o que é de interesse dela, especificamente, entendeu? 2012 quando começou, época de eleição, tudo vende, tudo vende, a mídia ela se aproveitou daquilo ali muito bem pra produzir notícias, entendeu? Nem sempre a notícia do jeito que a gente quer, sempre parcial, mas 2012/2013 apesar de ter sido sempre parcial, as notícias, eles tavam do lado das manifestações sabe? Com todo mundo cobrindo, todo mundo querendo falar, qualquer coisa acontecia, era gente querendo entrevista e até um ponto que teve uma hora que a galera falou de não dar mais entrevista, prefeitura não faz nada, vão entrevistar os prefeitos, entrevistar os políticos e tals. Mas eles cobriam, todo mundo cobria. Mas da mídia o modus operandi da mídia formal aí é essa, cobrir a parte que interessa. [...] Acho que em 2013 foi isso, como era uma pauta nacional e havia… na verdade era uma movimentação nacional, uma indefinição de pauta, uma indefinição de projeto, uma indefinição de sujeitos mesmo, a quem você tá criticando, então você tinha um amontoado de gente insatisfeita né nas ruas e isso era prato cheio pra mídia, entendeu? Às vezes fica um pouco mais difícil pra mídia, por exemplo, cobrir o porquê que as empresas de ônibus tavam erradas, eles não foram entrevistar nenhum empresário, nenhum dono do consórcio, nenhum momento eles cobrem, questionam o que o consórcio tá fazendo. Aqui em Ribeirão tem muito pouco jornalismo investigativo, ninguém entrega uma matéria completa, olha aqui a fraude do transporte em Ribeirão. O professor da USP ele entregou pra gente. A empresa não cumpre o contrato, não é só uma questão de abaixar a questão da tarifa. A prefeitura tem que romper o contrato e ainda ficar com os carros, entendeu? Porque pode fazer isso. Então isso é uma pauta pro jornalismo investigativo fazer. [...] O que a mídia fez em 2013, foi incendiar o país pra 2014. De fato, não saiu nenhuma

reportagem dos meios convencionais da mídia aí sobre o transporte público. [...] A falta de aprofundamento, a falta de informação e o jeito como a mídia gosta do modo que consumam suas matérias fez com que fosse produzido um contexto de 2014.

**50’14’’ - Teve cobertura por mídia secundária aqui?**

50’19’’ - Teve. Aqui em Ribeirão teve várias mídias secundárias assim, o que tava mais próximo da gente era o Coletivo Fuligem, ele era na época o movimento Fora do Eixo que tava muito próximo em contato com a questão do Mídia Ninja né, então eles fizeram o papel do mídia ninja em Ribeirão, e eles são pessoas que vem da publicidade, audiovisual, e eles faziam bastante, fizeram bastante cobertura e eles como tinham, tem atuação política tavam sempre junto nas discussões, quando tá rolando alguma coisa na cidade eles sempre tão junto também.

**52’07’’ - E teve muita diferença do material que eles fizeram pra mídia tradicional?**

52’13’’ - Tem muita diferença porque eles tão cobrindo diretamente, eles tipo assim, por muitas vezes a mídia formal ela é uma interlocutora. Ela pega a sua ideia e reproduz mais ou menos do jeito que ela quer, as mídias independentes por não serem formalizadas, elas conseguem transmitir muito mais diretamente o que as pessoas tão querendo falar. E eles tão mais próximos né.

**55’52’’ - Vocês utilizaram muito as mídias sociais pra divulgar essas manifestações?**

56’00’’ - Na verdade foi tudo mídia social. Eu acho que a mídia social ela deu um start pra publicização e divulgação tudo mais. Acho que a mídia social ela possibilitou essa organização.

**1h01’34’’ - Qual sua opinião sobre as manifestações e o fato delas perderem força ao longo do ano de 2013?**

1h01’55’’ - As manifestações pra mim elas se avolumaram porque a economia cresceu. Eu acho que é um processo contraditório até, mas é um processo que acontece viu. Elas foram o reflexo de uma economia aquecida, uma população um pouco mais autônoma, mas apesar dessa autonomia ainda é muito difuso na cabeça das pessoas o que é política, o que é participação política e os mecanismos políticos, entendeu. Uma coisa muito complicada dessas manifestações é porque não se entendem os mecanismos da política.

---

**Dia 18 de agosto de 2018 - Eduarda Pires - Participante das manifestações.**

**0’57’’ - Na época das manifestações, você era estudante?**

1’00’’ - Eu era estudante. Foi 2013? Não era não, to mentindo. Eu trabalhava na Renner, eu tinha saído do cursinho. Calma. Eu era estudante, tava no primeiro ano de faculdade. Isso. E trabalhava na Renner, trabalhava o dia inteiro no shopping Sta. Úrsula e à noite eu ia pra faculdade, então eu já tava no centro já.

**1’40’’ - Por que você participou das manifestações?**

1’44’’ - Então, a propaganda das manifestações aqui em Ribeirão, começou com o aumento do transporte, acho que foi 20 centavos, alguma coisa assim. Só que ela

tomou um tamanho assim fora do controle, porque tinha vários movimentos sociais dentro dessa manifestação. Acho que foi a maior manifestação aqui em Ribeirão assim, desde uns vinte anos atrás. E tinha vários, eu lembro que tinha o Pula Catraca, tinha do… deixa eu lembrar os nomes agora. Tinha vários movimentos dentro de um só. O intuito no final acabou que tirou o foco dos vinte centavos, então cada um era pra uma luta social. Isso era verdade. A Darcy Vera ainda era prefeita em Ribeirão, então tinha muitos, muitas manifestações contra o governo dela. E foi bem antes da Sevandija, antes de descobrirem as podridão.

**2’53’’ - Você particularmente veio por que?**

2’55’’ - Eu vim porque eu fui, fui, é, emocionada assim, sabe? Eu tinha que tá aqui fazendo minha parte. Tanto que nós conseguimos cartazes aqui na, na porta. Do meu cartaz, era bem hostil. Falava sobre a cura gay, tipo, eu tava contra a cura gay, e contra o governo da Darcy, falava das UPAs.

**3’47’’ - Esse sentimento foi por conta da sua cidade ou por conta do Brasil em si?**

3’52’’ - Foi por conta do Brasil em si. Porque a gente estudou, não se estudaram também, sobre Diretas Já e tal. E aí eu via muito aqueles, aqueles vídeos sabe? Aquela força de vontade do povo, me dava, me motivava a participar. Tanto que já vim sozinha, pra vários. Teve uns que eu já, eu ia até um certo ponto, parava de andar. Mas eu queria tá dentro, tipo assim, porque me, me emociona tá nesses lugares sabe? Tanto pelos movimentos sociais contra política, a favor do feminismo, então, é uma coisa que me toca, particularmente.

**4’47’’ - Como você ficava sabendo dessas manifestações?**

4’49’’ - Eles entregaram panfletos. Foi divulgado pela internet, pelo Facebook, mas tinha panfletos. Eu andava de ônibus e aí eles entregavam, então assim, eu usava ônibus. Então assim, a galera que usava já tava meio que ligadona por causa do preço do valor da tarifa que tava subindo. E na época era 3, pra você ter noção que não foi o dinheiro do ônibus, porque hoje o ônibus tá muito mais caro do que naquela época, e ninguém faz nada. Então acho que foi um todo. Foi um todo. E não foi só aqui né, foi geral.

**5’32’’ - Você conhece alguém dos movimentos?**

5’34’’ - Conheço… aqui em Ribeirão tem um lugar que chama UGT, acho que é Memorial da Classe Operária. E eu frequentava esse lugar. Comecei a frequentar por volta de 2013. Como eu cheguei lá, eu não sei, acho que foi por algum movimento feminista. E de lá a gente saía. Saía, comecei a ter contato com o pessoal que fazia parte do núcleo de discussão do debate, tanto pelo movimento negro, do movimento feminista, do movimento pula catraca, e aí eu, comecei através de lá. E assim, por eu estar lá me tocou e eu comecei a frequentar, porque me tocava mesmo.

**6’19’’ - E você participou das reuniões que organizavam as manifestações?**

6’23’’ - Não, eu só participei do Se Vira Ribeirão, uma virada cultura independente. E do feminismo. Desses da manifestação não. Só vim aqui, aqui em frente da esplanada. E aí saía daqui as pessoas.

**6’50’’ - No dia que teve as manifestações tiveram duas né no mês de junho?**

6’57” - Teve uma no dia que o menino morreu, uma depois e no outro pra ele, eu participei das duas.

**7’07” - E como que foi?**

7’08” - A primeira a gente tinha muito aquele sentimento de patriotismo, todo mundo tava aqui pra gritar pelo meu país. Galera inteira tava a fim. Cada um com seu movimento, cada um com seu cartaz, ninguém falava nada com nada, cada um defendia seu ponto de vista mas no contexto geral todo mundo tava aqui pra mudar o país, todo mundo aqui tava insatisfeito com algo público, então todo mundo tava meio que defendendo algo público e direitos de vida. E aí é… nós mudamos daqui.. eu não lembro realmente o caminho, até a Fiúsa, minha mãe me fritando, porque ela me mandava ir embora, nossa sai daí que não vai dar certo tanãnãnã, porque ela não queria que eu tivesse aqui, porque sou hipócrita, eu era um pouco rebelde porque eu tenho que participar sim, que não sei o que.. e tal, um menino que foi atropelado aqui saiu na hora, só que eu não tava perto lá, graças a Deus, eu tava na Nove de Julho com a, não é Diederichsen, com a Vargas, Nove com Vargas. Eu tava lá ainda. Eu não cheguei a ir… eles tavam na Fiúsa quando o menino foi atropelado, então eu tava longe. Eu entrei na Panini, uma padaria lá pra comprar alguma coisa de comer, minha mãe me ligou pra voltar, que tinha acontecido alguma coisa. Chegando ali fiquei sabendo o que tinha acontecido de verdade, ninguém soube falar assim o que tinha acontecido… depois foram aparecendo vídeos, tal. Aí aconteceu, eu chorei, todo mundo chorou. Tipo na hora de ir embora, tava todo mundo revoltado… eu pulei a catraca do ônibus, naquele dia, muita gente pulou e aí a gente ficou sabendo. Então foi assim com os jovens, um tapa na cara: vocês não são nada. Foi isso que deu sentido na época. Vocês não são nada, vocês não têm voz, cala a boca e aceita, vocês tão errado por tá invadindo a rua, era o movimento vem pra rua, o nome que organizou, vem pra rua ribeirão. E aí a rua era nossa né, voltava gente do Diretas já, a gente pintou o rosto, e aí quando a gente descobriu a morte do menino foi isso: a gente tá na rua nada, cada um vai ficar na sua casa, foi isso que aconteceu. Aí nós viemos em luto, todo mundo de preto depois, na segunda, e foi uma caminhada silenciosa. A gente se reuniu aqui, fomos até onde foi o lugar. A gente sentou lá em volta, fizemos uma oração, lembro disso. E eu fui sem minha mãe saber.

**10’36’’ - Sua mãe não concordava de você participar?**

10’38’’ - Não, por medo da violência.

**10’42’’ - Pelo o que via nas outras cidades?**

10’43’’ - Sim, pelo o que tava acontecendo né. A mídia mostrava bastante violência, assim né. O manifestante atingindo a polícia, ou degradando o patrimônio público, e na minha cabeça, tipo, isso era pago. Alguém tava pagando eles, porque o pessoal que tava aqui onde eu tava ninguém tava fazendo a mesma coisa, então porque que lá no Rio de Janeiro… nossa, foi muita coisa. Foi quando saiu a Mídia Ninja, começou a boicotar tudo que vinha de errado na Globo tal, aí comecei a procurar só na Mídia Ninja.

**12’27’’ - No dia em que foi a do Delefrate, que teve a morte do Delefrate, você sentiu alguma fala de organização, alguma coisa desse gênero de conflitos dentro do próprio movimento organizador?**

12’43’’- Nenhum dia.

**12’53’’ - E como foi fazer essa caminhada até… a primeira.**

13’00’’ - Ah, a gente gritava mesmo sabe? Eu fiquei rouca de gritar, de apitar… porque meu sentimento era de que eu tava fazendo parte daquilo, de revolução, por mais que a gente soubesse que não ia dar em nada. Meu foco nem era o que eles estavam querendo, que era diminuir o passe. Mas eu queria fazer parte daquilo de… tanto que essa minha amiga, era minha amiga de cursinho, tinha os mesmos ideais, assim, que eu, e eu encontrei muita gente conhecida naquele dia. Tinha uma tia minha, a gente ia se encontrando. Todo mundo que foi se encontrando era quem tinha os mesmos ideais assim, então tava todo mundo aqui pra participar disso.

**13’45’’ - E a segunda caminhada? Como que foi?**

13’46’’ - Foi triste, eu não combinei de vir com ninguém. Porque nessa a gente tentou se combinar, na segunda ninguém falou com ninguém. Ninguém queria ir mais. E quando eu cheguei, eu tava indo embora, que eu pegava ônibus e eu lembrei, e falei: não posso. Eu não consegui ir pra faculdade e deixar. Foi mais forte que eu, aí eu vim até o ponto de encontro e acabei encontrando um amigo, Pedro, e nós fomos juntos andando até lá. Mas aí, foi sem gritar, nem nada, foi silêncio, foi homenagem.

**14’29’’ - De tudo o que aconteceu em junho de 2013, com relação a essas manifestações, qual que foi o momento mais marcante pra você?**

14’43’’ - Assim, o contexto total. Os gritos… muita gente junta em favor de uma coisa só. Eu me arrepiava, durante, tipo assim. Eu não tava lá pra zoar, por mais que eu era jovem, todo mundo ali era jovem, a gente não tava lá pra zoar. Arrepiava assim o corpo inteiro. E a mais marcante, e mais triste, foi todo mundo sentado em homenagem ao moço. Eu acho que a…. não sei, não lembro se distribuíram velas… eu lembro da gente sentar e fazer oração, depois todo mundo foi embora.

**15’32’’ - E há cinco anos que o caso do Delefrate tá na justiça. Você acompanha?**

15’42’’ - Não, não porque eu não gosto de ver nada na mídia que me dê raiva sabe? Eu prefiro não ver pra não ter esse sentimento de raiva ou de ódio pelo cara. Eu acredito que a vida toma conta de retornar. É a lei do retorno, ação e reação.

**18’45’’ - Qual que você acha que foi o peso e a influência das redes sociais para as manifestações de 2013?**

18’51’’ - Ah, foi importante porque foi o que impulsionou a galera tá aqui. Que nem, sobre o Feliciano. Meu cartaz falava sobre o Feliciano, e o Feliciano onde eu vi, foi nas redes sociais. As barbaridades que ele falava, tudo. Não via jornal, televisão, rádio, tal, era redes sociais.

**19’20’’ - Você acha então que teve peso inclusive pra mostrar os motivos, é, pelos quais as pessoas vieram se manifestar?**

19’28’’ - Foi um ano, assim, que, eu particularmente, comecei a me envolver, falar com o pessoal mais crítico, socialmente. Meu primeiro semestre de faculdade eu tive, psicologia da educação, filosofia da educação, sociologia da educação. Então eu tava rebelde, eu tava querendo mudar o mundo. Então pegou bem no meu calo, na época, era o momento certo pra mim. Hoje eu não sei como seria, não porque eu mudei, mas eu tenho que trabalhar… mudou minha rotina. Naquela época eu

andava de ônibus, eu passava por aqui. De carro eu nem faria esse caminho, então foi oportuno. E o pessoal da minha idade, tava acontecendo a mesma coisa. tinha que ta entrando na faculdade, o que era a faculdade? os professores eram muito críticos, eles manipulavam a gente, mas a gente abria a nossa cabeça. E, um ano antes de entrar na faculdade eu estava fazendo cursinho no Objetivo, os professores também no cursinho eles eram muito amplos, então você parava pra pensar, bom, não é bem assim, a mídia não é tudo isso, não é verdade. Porque o que meu pai me ensinou a vida inteira, não serve mais pra mim, então foi assim, separação de ideais mesmo.

**21'30'' - Você não acompanhou então a cobertura da mídia tradicional? e pela mídia secundária entre aspas, a mídia que surgiu, que era a que cobria assim… falam que na manifestação eles mesmos cobriam estilo mídia ninja. Você acompanhou aqui em Ribeirão?**

21'49'' - Não, eu vi pelo Facebook, mas assim, de outras, de outras cidades. Eu vi, pra falar que não vi nada pela televisão, eu vi, vi que os números né, não sei quantos mil manifestantes lá... mostrou de Ribeirão, falava nossa to ali no meio, então pra falar que não vi nada eu vi isso. Eu fiquei deslumbrada mesmo com a potência disso.

**22'18'' - Hoje, você pensa no que aconteceu e como e em como o país ta hoje, como você avalia essas manifestações?**

22'31'' - Olha eu acho que, os jovens principalmente eles tão muito mais informados do que eu era na época, eu tinha muita vontade de luta mas eu não tinha muita informação, por preguiça sim, mas assim, a gente não tinha debate, debate sobre política, debate sobre problemas sociais, e hoje tá tendo mais oportunidade. E ainda assim, nós, vou me incluir né, a gente é muito preguiçoso. Esse ano por exemplo, a gente tem eleição pra presidência e eu vou ser honesta, não sei quem tá concorrendo, além do Bolsonaro e do Lula, agora recente. Eu não votaria nos caras que a gente conhece, então vamos descobrir outros? Eu não sei quem são os outros, então eu to bem nessa camada de galera com preguiça, sabe? É uma muleta, é… trabalho, tempo... vida adulta, assim, é muito massacrante, então, a gente não pode ficar julgando.

**26'51'' - Você acha que valeu a pena toda essa movimentação que teve em 2013?**

26'55'' - Valeu, valei sim, pra muitos jovens, adultos, idosos, lembrar um pouco desse sentimento de briga, de direito, direito a fala, ao grito, ocupação, que é ocupar nossas ruas, e desocupação… foi muito motivador. Só que aí minha mãe era contra né, a gente participar, e aí vários outros problemas que foi tendo na política, ela falou assim: cadê seus amiguinhos da rua, por que vocês não vão pra rua agora… tipo, boicotando mesmo, e aí não voltei mais pra rua. Nunca mais participei de outros movimentos.

---

**Dia 01 de setembro de 2018 - Nicole Froés - Participante das manifestações/vítima do acidente.**

**0'27'' - Por que que você participou das manifestações?**

0’34’’ - Então né, naquela época eu tava com 19 anos e eu lembro que as manifestações começaram a ter uma proporção muito grande, sabe? Assim, tanto na mídia, como em redes sociais, como, sei lá, no pensamento coletivo, elas começaram a ter proporções gigantescas. Então, é, fazer parte, eu queria, de alguma forma, fazer parte daquilo, acompanhando... é, acompanhando, vendo o que tava se tornando eu pensei: ah, quero fazer parte disso, acho que vai ser bom, coisas desse tipo.

**1’14’’ - Você tinha alguma reivindicação?**

1’17’’ - Naquele momento, eu acho que como naquele slogan que era muito mais do que os vinte centavos né, acho que todo mundo tava reivindicando alguma coisa diferente, não totalmente diferente, mas todo mundo tinha uma insatisfação que queria colocar ali na hora. Então acho que aquele movimento acabou se tornando um movimento pra, principalmente sobre a insatisfação política no Brasil, do país no geral. E a minha insatisfação também. Acontecia dessa forma.

**1’58’’ - Sua insatisfação pendia pro lado político?**

2’01’’ - Político.

**2’05’’ - E como que foi participar desse movimento?**

2’10’’ - Eu, eu fui na manifestação daquele dia e, a princípio, achei, você acaba se envolvendo, existe todo, como que eu te explico… sabe aquele feeling do momento? Entendeu? É você tá ali? Você tá vivendo aquilo que todo mundo tá vivendo ali naquela hora, então você acaba se encontrando naquele meio, você encontra pessoas que acabam pensando igual você. Que existem reivindicações acerca da política ou então do estado geral das coisas, economia, enfim etc. São n coisas né, que aí você participando daquilo você sente, à flor da pele, entendeu? É isso, é tá lá. Não tem assim, uma coisa que você pode resumir. Só tando ali, no momento.

**3’38’’ - E hoje qual é sua opinião sobre as manifestações?**

3’43’’ - Então, é… naquele período eu tava fazendo enfermagem, tanto que depois do acidente eu até tranquei o curso, não voltei mais, fiz história. E assim, fazendo História, história né, eu acabo vendo aquele movimento como um tanto quanto ingênuo, porque não tinha uma pauta. Então quando algo não tem uma pauta definida, é claro que ele vai se fragmentar de diversas formas e não vai ter o final que todo mundo espera, se não tiver uma finalidade, entendeu? Então é, foi um movimento forte, mas foi um movimento muito rápido. Forte, porém rápido, porque não tinha, assim, uma solidez. Então eu vejo, hoje, atualmente, como algo mais ingênuo.

**4’34’’ - Você acha que o fato de ter adquirido outras pautas ao longo do movimento acabou prejudicando?**

4’51’’ - Foram muitas coisas que colocou tudo junto e que é lógico que o movimento ia se enfraquecer, porque, cada lugar, ou então cada pessoa no mesmo lugar, estava reivindicando alguma coisa. Não tinha um consenso geral, olha, é isso, entendeu? Tava todo mundo insatisfeito com alguma coisa.

**5’16’’ - Você parou a faculdade por conta do acidente?**

5’18’’ - Por conta do acidente.

**5’25’’ - E por que História?**

5’27’’ - Eu sempre gostei de História e como eu nunca tinha me encontrado na Enfermagem mesmo, o acidente acabou sendo aquele negócio, ah não to gostando mesmo não vou voltar né? Pra que o desgaste de voltar? E aí depois eu escolhi História porque eu sempre gostei, sempre tive vontade, mas eu tinha meio que aquela coisa, ai vou ter que dar aula, entendeu? Mas eu escolhi e tô muito feliz com a minha escolha.

**6’17’’ - Você acha que teve alguma mudança considerando a manifestação, o que tavam reivindicando, você acha que teve alguma mudança pra agora?**

6’27’’ - Não. Acho que não.

**6’32’’ - E como que foi a noite do acidente?**

7’09’’ - Então, aí, eu lembro que esse dia eu saí da faculdade mais cedo né, tava até tendo trabalho de exposição sabe? Aí eu saí mais cedo e fui encontrar alguns amigos, pra poder ir. Então, é, nós estávamos não tão na frente, não tão atrás, ali no meio né, e aí nós começamos a andar. Como eu não sou daqui não vou me ligar em nome de rua. Eu sei que teve um momento, é, depois eu fiquei sabendo que a manifestação se dividiu né, um foi pra um lado e outro foi pro outro, eu continuei indo rumo à Fiúsa. Até então eu não sabia que tinha se dividido. Aí no momento, a caminho ainda, indo em avenidas, eu via que tinha muitas pessoas que tavam com carro, mas que ou então dava ré, ou esperava, ou incentivava, ou não falava nada, só tava esperando mesmo o fluxo passar. E aí quando chegou nessa parte de que esse carro tava querendo passar então assim, todo mundo chegou, teve uma parte que todo mundo sentou, depois levantou, e aí apareceu este ser, esse homem. E aí, é, pra mim, eu não lembro direito o que eles estavam discutindo, porque teve pessoas que discutiram com ele e ele discutindo com pessoas, não lembro porque eu não tava tão perto assim, mas eu vendo aquilo nunca imaginei que ele fosse passar, entendeu? Pra mim, eu tava ali esperando só saber o que ia acontecer depois, pra onde que ia, se já tinha acabado, se ia voltar pra casa, enfim. Então eu tava lá esperando, eu tava conversando com meus amigos, esperando, aí eu falava: ai gente, ele não vai passar, relaxa né, essas coisas assim, porque como que você vai imaginar que uma pessoa vai acelerar o carro em uma multidão? Pra mim aquilo era fora de cogitação no momento sabe? E quando eu me dei conta, eu já tava embaixo do carro. Então foi coisa assim, num momento ali pra mim, eu to falando como eu vi a situação, foi muito rápido. Então no mesmo momento que eu tava: ah, não vai acontecer nada, ele nunca vai passar em cima de alguém, eu já tava embaixo do carro. Então mesmo que eu tenha saído do meio da rua, que eu fui mais pro canteiro central, eu não imaginava que ele fosse passar, entendeu? Então eu fiquei, quando eu vi já tava embaixo do carro, já tava passando mil coisas na minha cabeça, porque é como se fosse um filme, assim, eu pensava realmente que tava acontecendo alguma coisa, não tinha noção que eu estava embaixo do carro, eu sabia que tinha alguma coisa em cima de mim, mas eu não sabia exatamente o que tava acontecendo, entendeu? É muito, não sei explicar isso, porque então eu tava lá, depois eu levantei, eu não tava sentindo dores, eu levantei. Eu tava assustada. Assustada eu tava, muito assustada. Eu tava pensando, nossa minha mãe? Vai me matar! Gente o que aconteceu aqui? Sabe, eu tava assim, não tinha colocado as ideias em ordem ainda. Então eu levantei e veio algumas pessoas na minha direção, falando não senta, deita aqui, sabe? No canteiro central. Eu falava tá né, eu deitei.

Aí depois de um tempo, alguns minutos depois que aí eu fui perceber que eu tinha sido atropelada, aí, até então não tinha visto o estado das minhas pernas, então não tava sentindo dor. Eu não tinha visto nada ainda, só tava naquela adrenalina né, de querer sair dali. Aí teve uma menina que foi tentar tirar meu tênis e aí a pessoa que tava do meu lado segurando minha mão, era um homem e uma menina na minha outra mão, aí ela falou: não mexe na perna dela, você não sabe o que aconteceu. Aí que eu fui olhar sabe? Que você tem a perspectiva de olhar, nossa o que tá acontecendo com a minha perna. Aí que eu vi que tava muito sangue, minha calça rasgada, sem tênis, enfim. Aí eu comecei a sentir dor e doeu muito. Começou a doer naquele momento. Porque aí a adrenalina toda de sair dali já tinha passado né, e na hora que eu vi eu comecei a sentir dor e comecei a pensar: nossa, fui, fui atropelada, o carro passou mesmo né. E dali então eu vi outra pessoa caída no chão também, muita gente em volta, que era minha amiga, a Pabline, mas eu não cheguei a ver o Marcos, só conseguia ver ela de onde eu tava, sabe? E aí eu ouvia pessoas gritando, ouvia pessoas chorando, aí aquela coisa né. Tinha muita gente da USP, tinha as enfermeiras que faziam Enfermagem que eu via lá, que elas chegaram perto pra ver, tinham médicos, sabe, estudante no geral. E aí depois de um tempo chegou o SAMU, pra mim, naquele momento eu ficava pensando, nossa porque minha amiga, eu não sabia que a Pabline tinha sido atropelada também, eu tava vendo uma outra amiga ao redor dela, e eu pensava, nossa porque minha amiga que tava auxiliando a Pabline tá lá e não tá aqui comigo, entendeu? Porque o dela, ela tinha batido a cabeça, entendeu? E aí ela vinha aqui e ficava lá, mais com ela. E eu pensava, nossa, mas quem que é ela. Aí depois que eu fui saber que era minha amiga que tava ali também, entendeu? E aí o SAMU chegou, primeiro nós fomos pra UPA, e nesse caminho, é, do SAMU chegar, me pegar e ir pra UPA, no caminho, eu tava muito desesperada, aí foi uma amiga comigo né, nós estávamos em quatro, então ficou uma com a Pabline e uma foi comigo, é, eu tava assim, nossa eu vou voltar a andar? Que vai acontecer com as minhas pernas, não, mas é sério, eu tava desesperada, não sabia o que ia acontecer. E aí lá na UPA, pra mim foi horrível a sensação de ir pra UPA. Porque é muita gente em cima de você e ninguém te fala exatamente o que tá acontecendo. Então eles já vão tirando sua roupa, já quer colocar sonda e eu não queria nada disso, sabe? Eu tava lúcida. Eu tava pedindo um copo de água e ninguém me dava, ninguém me falava porque eu não podia ter um copo de água, entendeu? E eu queria ligar pra minha mãe também, ninguém falava que eu podia ligar pra minha mãe. Então juntava o desespero, juntava que eu não sabia meu quadro geral, eu achava que eu não ia voltar a andar, juntava que eu tava preocupada com a minha mãe, de ela ficar sabendo por terceiros, entendeu? Então juntava tudo isso. Porque eu fui escondida dela, aí juntou tudo isso e eu fiquei muito chateada naquele momento, de estar lá. E as enfermeiras muito… sabe, muito desumano, pra mim. Acho que o básico que elas deveriam fazer é esclarecer a situação, olha aconteceu isso e isso, nós temos que fazer alguns procedimentos. Mas não, é fazendo tudo ali na hora, um desespero, sem explicar nada, não responde uma pergunta, muito… aí depois disso eu fui encaminhada pra UE, aí na UE chegaram os médicos e eles começaram a cuidar dos ferimentos. Então essa perna aqui (esquerda), eu tive esfoliação, então tava em carne viva, sabe? E essa daqui eu quebrei, eu quebrei a fíbula (direita). Então essa daqui era a dor da quebradura, essa daqui era a dor da ardência de eles ter que lavar. Depois que acabou isso, fiquei esperando minha mãe aparecer. Porque minha amiga tinha conseguido falar pra ela e falado que eu tava no hospital que eu tinha torcido o pé. E ela falou que não ia lá por causa de uma torsão. Que eu já tinha ido escondido, que

voltasse sozinha. Só que depois que o hospital entrou em contato com ela, que aí ela foi ter noção de que a situação era mais séria, aí depois, ela me falando né, quando chegou lá, que viu a dificuldade de poder me encontrar, eu não sei como que funciona, tem que passar, mostrar documento, até a pessoa achar, aí foi que ela teve noção de que não tinha sido tão simples, tão banal assim. E aí quando ela entrou, aí foi aquela coisa né, eu chorei muito, eu já tava chorando por causa da dor, que ele tinha lavado a minha perna, e chorei mais ainda quando vi ela de novo, porque eu realmente, na hora que eu estava lá embaixo do carro, eu achava que não ia ver minha mãe de novo. Que eu ia morrer.

**18’25’’ - Você não sentiu, assim, porque ele foi, atropelou, e ele deu ré. Você não sentiu essa ré?**

18’31’’ - Não, porque eu não... eu não sabia o que tava acontecendo. Quando eu me dei conta… e não tem como explicar. Então isso de ah eu vi o carro vindo. Não, eu já tava lá embaixo. E assim, pensando outras coisas e não do e agora? O carro tá indo, tá voltando… é totalmente diferente a experiência.

**19’31’’ - E a sua amiga que bateu a cabeça, ela perdeu a consciência ali na hora?**

19’37’’ - Sim, ela não lembra. Ela não lembra do acidente, assim até o momento que saímos, tavamos caminhando, mas na hora que chegou nesse ponto, ela parece que ela bloqueou mesmo sabe? Ela não lembra. Até a parte que ela chegou no hospital, e aí ela ficava fazendo as mesmas perguntas, várias vezes. O que tinha acontecido, entendeu? Então ela realmente, até hoje, ela não lembra.

**20’18’’ - O processo tá correndo na justiça. Você acha que vai ter alguma solução?**

20’26’’ - Sinceramente? Acho que não. Porque, assim, tem dois advogados, que eles me procuraram, na época, pra assumir o caso. E eu e minha mãe aceitamos. E assim, eles sempre falam alguma coisa, de que eles tão correndo atrás, da parte financeira, de ele pagar indenização. E os advogados falam que não tem nada no nome dele, que eles tão tentando buscar alguma coisa, que ele já tinha uma ficha antes e que, eles tão fazendo a parte deles, entendeu? Então, eu acho que, pelo fato de ele tá preso, já é alguma coisa. Porque eu acho que tem gente que faz alguma coisa e nem presa fica né, pelo menos ele está preso, é assim que eu vejo, dessa forma. Mas a parte financeira, de ele pagar a indenização…

**21’36’’ - E você acha que se ele for pra júri popular agora, pra resolver o caso, você acha que ele continua preso?**

21’44’’ - Espero que sim. Porque teve a audiência que foi lá em Pontal, acho que dois anos atrás. Foi eu e a Pabline, ele chegou a ir só que ele não entrou na sala por causa da Pabline, porque a Pabline mesmo que ela não lembre o que aconteceu, ela tem muito medo dele, então ela entra em choque. Aí nem colocaram ele na sala, no dia. Aí os advogados falaram que ele vai pra júri popular, só que não sei quando. Eu espero que ele permaneça pelo menos preso né, no mínimo.

**22’28’’ - Você conheceu a família do Marcos?**

22’30’’ - Não, não conheci. Mas assim, eu fico muito triste quando eu lembro que uma pessoa morreu naquele dia, uma pessoa tão jovem. É muito triste lembrar

disso. Acho que pra mim, a parte mais pesada, nem tanto o que sofri depois, mas ter uma pessoa que morreu por causa disso nossa, pra mim é inadmissível.

**22’59’’ - Como que foi o processo de recuperação?**

23’01’’ - Então, aí depois eu fiquei, como eu coloquei gesso na perna quebrada e a outra tinha que ficar aberto, fazendo limpeza todos os dias, tomando remédio, eu fiquei totalmente dependente da minha mãe. Então eu ficava na cama, eu fiquei uns dois, três meses. Aí depois os meus advogados conseguiram uma cadeira de rodas pra mim, e aí depois no finalzinho do quarto mês eu já comecei a andar de andador. Mas assim, como eu não podia colocar nenhuma das minhas pernas pra baixo, então no começo foi aquela coisa, eu fiquei revoltadíssima na minha casa, porque eu não conseguia admitir que eu fui atropelada e que eu tava naquela situação por causa de uma pessoa, entendeu? De uma inconsequência de um segundo, então eu fiquei muito revoltada. Porque eu não podia fazer nada sozinha. Tudo era minha mãe, e aí minha mãe teve que parar de trabalhar meio período, manhã, pra poder cuidar de minha, pra fazer coisas básicas, pra limpar ferimento, pra me dar banho, pegar água, me dar comida. Então eu fiquei muito dependente.